BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XVIII • MARÇO DE 1943 • N.º 193

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café)

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde : Largo da Misericórdia, 24

Ano XVIII	MARÇO DE 1943	Número 193

Sumário

Colaboração

A PADRONIZAÇÃO DOS CAFÉS BRASILEIROS

RUY DA COSTA FERREIRA
(*Especial para o Boletim da S. S. C.*)

Uma das medidas de relevante alcance estabelecidas pelo governo brasileiro, para defender a nossa riqueza agrícola e animal, está sem dúvida consubstanciada no decreto creando a padronização compulsória de todos os nossos artigos destinados à exportação. Não se compreendia que produtos, preparados ao acaso da natureza, fossem lançados nos mercados de consumo sem uma classificação oficial preestabelecida, que constituisse, de um lado, uma garantia ao consumidor, e, de outro, uma credencial do país fornecedor. Vários dos nossos artigos de exportação já se acham enquadrados dentro desse critério de seleção, e é fácil calcular que, tendo em vista o decreto citado, importar um produto brasileiro é saber hoje o que está comprando e obter a garantia do seu valor. O café não ficou à margem desse princípio geral de padronização e mesmo uma comissão foi nomeada para estudar o assunto. Diante, porem, do momento delicado que atravessamos, com inúmeros mercados fechados às importações, e ainda por se tratar do produto máximo da exportação brasileira, qualquer modificação que se fizesse, então, na descrição dos nossos tipos de café, foi julgado inoportuna, o que, aliás, foi muito bem pensado. Somos dos que veem propugnando incensantemente, num largo período de 14 anos, pela racionalização do nosso sistema antiquado de classificação de café, que não raro é prejudicial aos nossos próprios interesses. Mas, acreditamos, igualmente, que uma transformação sumária nesse sentido só poderia acarretar prejuizos e dissabores.

* * *

A padronização dos cafés produzidos no país — a nosso ver — deveria obedecer, preliminarmente, a um trabalho rigoroso de estudo. Já por ser o nosso maior produto exportavel, já pelo fato de nada se ter feito ainda a respeito de sua padronização, o plano para tal cometimento deveria estender-se aos diversos setores das nossas atividades cafeeiras, tais sejam, centros de produção, comércio e exportação, nos quais seriam coligidos elementos precisos e seguros para o objetivo visado. Esse programa que constituiria, por assim dizer, uma série de etapas, que seriam consideradas atingidas, à medida que os respectivos assuntos fossem sendo devidamente solucionados, abrangeria um estudo completo sobre as zonas de produção, sua capacidade de produção e cafés que mais pesam nesta última ;

aparelhamento técnico dos centros de produção; comércio interno, preferências de mercados; Bolsas extrangeiras, e principalmente, com relação ao maior interessado — o comércio exportador — a-fim-de indagar-lhes as preferências e necessidades. Isso feito, intensa propaganda deveria ser reaalizada nos mercados impotadores, com a finalidade de demonstrar as vantagens oferecidas pelos "cafés padronizados do Brasil", que seriam tão bons e talvés melhores do que os de outras procedências.

* * *

Quando se fala em padronização de café, entre nós, é comum ouvir-se dizer que os nossos cafés já se acham padronizados por tipo e bebidas, isto é, que já temos os nossos *tipos* com as suas bebidas definidas, o que equivale a uma padronização. Tipo padrão de um artigo ou mercadoria é a reunião num só todo de vários elementos que deverão ser sempre da mesma origem e da mesma qualidade. Os nossos tipos de café para exportação são formados com uma tolerância demasiada de defeitos e impurezas que não podemos chamar a isso padronização. Tanto admitimos defeitos ou impurezas num café de bebida "móle", como o fazemos num café de bebida "Rio", e o tipo 8, o café mais baixo da exportação brasileira, tanto póde admitir 16 como 80 por cento de defeitos, ou as demais porcentagens intermediárias, enquadradas dentro da tabela de equivalência de defeitos.

A Colômbia, o maior concorrente dos cafés brasileiros, tem todas as suas qualidades cotadas, por zonas de procedência, e que são em número de doze, na Bolsa de Nova York, ao passo que o Brasil tem apenas duas; o tipo 4, Santos, quando se trata de cafés, e o tipo 7, Rio, quando se trata de cafés inferiores. E isso por que? A Colômbia estabeleceu, com leis severíssimas, a fiscalização de todos os seus cafés para exportação e faz questão que os mesmos entrem nos mercados distribuidores como sendo realmente cafés padronizados da Colômbia, com a qualidade garantida pelas autoridades colombianas. Nós que possuimos produto tão bom como o da Colômbia — como os famosos cafés do Sul de Minas, Franca, Ribeirão Preto, Mocóca, Araraquarense, Paulista e outros, devemos fazer o mesmo, contando ainda com recursos mais variados que os outros paizes não podem dispor.

* * *

A padronização dos cafés brasileiros é uma providência que possibilitará o equilíbrio entre a produção e o consumo, dada a seleção natural das qualidades; estimulará a melhoria da produção porque esta será representada pelo valor real da sua qualidade e garantirá ao comércio a continuidade e uniformidade nos seus suprimentos. Como prova disso, temos um exemplo no algodão paulista, cuja produção padronizada e fiscalizada é hoje uma realidade. Mas, é necessário que fique bem claro o seguinte: a padronização não virá apenas trazer o critério da seleção das qualidades finas, o que seria um absurdo. Devemos produzir todas as qualidades exigidas pelo consumo e, ao mesmo tempo, defender o que produzimos de bom, padronizá-lo sob o ponto de vista do seu valor e fiscalizar a sua exportação.

A Lavoura Cafeeira na Venezuela

J. E. TEIXEIRA MENDES

A situação cafeeira na Venezuela não é de grande prosperidade. Em artigo anterior (1) já estudamos até que ponto ia o amparo oficial ao plantador. De uns anos para cá, com a criação do Instituto Nacional del Café numerosas medidas veem sendo tomadas com o fito de incrementar e melhorar a produção cafeeira. Assim, em vários pontos do território cafeeiro teem sido instalados viveiros para a distribuição de mudas; centros de benefícios teem sido organizados em pontos convenientes; enfim, uma campanha de fomento por meio de técnicos que percorrem as zonas cafeeiras está em pleno desenvolvimento.

Como uma das medidas preliminares, para o conhecimento tanto quanto possivel exato da situação, o Instituto fez realisar nos anos de 1939 e 1940 um recenseamento de todas as propriedades cafeeiras.

Os dados que se seguem foram obtidos no "Censo Cafetero", (2) publicação que reune a primeira parte dos dados coletados.

Número de cafeeiro existentes — Foram recenseados 566.006.859 cafeeiros.

Produção total — Foi verificada uma produção total de 1.553.190 sacos de 46 quilos, ou sejam 1.190.785 sacos de 60 quilos.

Café despolpado e café de terreiro — É interessante saber que a produção venezuelana é constituida em sua maior parte por cafés de terreiro (*trillado*) e que o despolpamento não é, como na Colômbia, o método de preparo mais em uso.

Assim, no quadro n.º 3 do citado "Censo" vamos encontrar os seguintes números: produção total de café despolpado 27.758.332 quilos; produção total de café de terreiro 43.688.613 quilos. Temos portanto que 38,85% da produção foi de café despolpado e 61,15% de café de terreiro.

Produção média por árvore — A produção média na Venezuela é muito baixa, tendo sido apenas de 126 gramas por árvore a que registou o censo. Isto equivale a 126 quilos por 1.000 árvores, ou sejam 8,4 arrobas por esse mesmo número. Mesmo considerando-se que a plantação seja feita com uma única arvore na cova e a distâncias menores do que as que são empregadas em São Paulo, a produção é muito pequena.

Número de cafeeiros por hectare — Em toda a República o número médio de árvores por Ha. foi de 1.471. Isto dá uma área de 6,79 m.² por cafeeiro, o que nos nos permite deduzir que a distância média usual entre cafeeiros seja a de 2,60 m por 2,60 m.

Nesse compasso 1.000 cafeeiros ocupariam uma área de 6.790 m.². Na distância mais comum em São Paulo, de 3,60 m entre as árvores, a área ocupada por 1.000 cafeeiros é de 12.960 m.². É portanto quasi o dobro da primeira. A produção de 8,4 arrobas na primeira área deverá ser quasi e duplicada para ser comparavel com a que é exigida por 1.000 cafeeiros nossos. Assim, a média de produção na área de 12.960 m.² deverá ser um pouco superior a 16 arrobas.

Tamanho da propriedade cafeeira — A lavoura cafeeira na Venezuela é extremamente dividida. Pelo quadro que se segue poder-se-á ver como predomina a pequena propriedade cafeeira.

QUADRO I

CLASSIFICAÇÃO DAS PROPRIEDADES CAFEEIRAS PELO NÚMERO DE ÁRVORES

N.º DE CAFEEIROS	N.º DE PROPRIEDADES	N.º TOTAL DE CAFEEIROS	N.º DE PROPRIEDADES EM %	N.º TOTAL DE CAFEEIROS EM %
Menos de 1.000	10.668	6.078.383	15,27%	1,07%
1.000 a 5.000	39.489	100.240.813	56,53	17,72
5.001 a 10.000	10.504	75.990.280	15,04	13,42
10.001 a 15.000	3.454	43.615.145	4,95	7,70
15.001 a 20.000	1.733	30.825.621	2,48	5,45
20.001 a 30.000	1.469	37.300.958	2,10	6,59
30.001 a 50.000	1.116	44.186.825	1,60	7,81
50.001 a 100.000	797	56.724.563	1,14	10,04
100.001 a 300.000	489	82.332.917	0,70	14,55
300.001 a 500.000	67	25.949.654	0,10	4,58
500.001 a 1.000.000	53	38.365.300	0,08	6,78
1.000.001 a 2.000.000	13	17.075.400	0,02	3,02
2.000.001 a 3.000.000	3	7.320.000	0,004	1,29
Total	69.855	566.005.859		

Como se vê o número das pequenas propriedades excede enormemente o das grandes. Basta dizer que as que vão de menos de mil cafeeiros até 5.000 árvores, atingem a 71,80% do total.

Si examinarmos a questão pelo número de cafeeiros veremos que então a predominância da pequena propriedade não é tão acentuada. Assim mesmo as propriedades até 10.000 cafeeiros, abrangem 32,21% do número total de cafeeiros do País.

O tamanho da propriedade e o café produzido — No quadro que se se segue procuraremos examinar si ha uma relação entre o tamanho da exploração cafeeira e o método de preparo empregado.

É evidente que a pequena propriedade cafeeira produz café de qualidade inferior ao das grandes fazendas. Si examinarmos a coluna referente às porcentagens de café despolpado e de terreiro para cada uma das classes em que foram divididas as explorações cafeeiras vamos ver que aquelas com um número menor de mil árvores apenas conseguem despolpar 15,28% de suas safras e que a por-

QUADRO II

A PROPRIEDADE CAFEEIRA E O CAFÉ PRODUZIDO

N.º DE ÁRVORES	CAFÉ PRODUZIDO — QUILOS			EM %	
	DESPOLPADO	DE TERREIRO	TOTAL	DESPOLPADO	DE TERREIRO
Menos de 1.000	181.332	964.758	1.146.090	15,82%	84,17%
1.000 a 5.000	2.669.564	13.083.539	15.753.103	16,93	83,06
5.001 a 10.000	2.248.200	8.444.468	10.692.668	21,02	78,97
10.001 a 15.000	1.566.208	4.337.384	5.903.592	26,05	73,47
15.001 a 20.000	1.167.070	2.992.004	4.159.074	28,06	71,93
20.001 a 30.000	1.706.692	3.160.992	4.867.684	35,06	64,93
30.001 a 50.000	2.339.974	3.469.870	5.809.844	40,27	59,72
50.001 a 100.000	3.732.256	3.576.694	7.308.950	51,06	48,93
100.001 a 300.000	5.978.344	2.883.068	8.861.412	67,46	32,53
300.001 a 500.000	1.886.598	303.554	2.190.152	86,14	13,83
500.001 a 1.000.000	3.005.042	213.900	3.218.942	93,35	6,64
1.000.001 a 2.000.000	965.402	248.400	1.213.802	79,53	20,46
2.000.001 a 3.000.000	311.650	9.982	321.802	97,01	2,98
TOTAL	27.758.332	43.688.613	71.446.945		

centagem de despolpados vai aumentando gradativamente até 97,01% nas fazendas com mais de 2 milhões de cafeeiros.

É explicavel o fato. As fazendas possuem maquinismo apropriado e instalações completas para o preparo por via úmida. Daí o produzirem maiores porções de despolpados.

* * *

É claro que qualquer política a ser adotada na Venezuela deveria ter como finalidade mais imediata um ativo fomento da produção de cafés despolpados. Em seguida viriam os outros problemas, tendentes a renovar e a melhorar as zonas cafeeiras já em plena exploração.

Outra não tem sido, parece, a orientação do Instituto Nacional del Café. Uma das primeiras medidas tomadas por esta organisação depois de fundada, foi a de instalar "Centrais de Benefício" nos pontos mais convenientes do País.

Num comentário da Secção Técnica daquele Instituto (3) encontramos a explicação de como pretendem interferir para melhorar o produto. "Deve assen-

tar-se o princípio, amplamente comprovado na industrialisação do café de que nas fazendas de produção média e pequena não se deve fazer senão o benefício úmido, isto é, o despolpamento, a fermentação, a lavagem e secagem, parcial do café, pois que as demais operações (seca em guardiolas, benefício e escolha) encarecem consideravelmente o custo de produção, quando realisadas com pequenas quantidades".

E assim Centrais de Benefício foram estabelecidas (4,5 e 6) em Motatan, Rubio, Merida, Barquisimeto, La Victória e Caripe.

O quadro abaixo (7) dá uma idéia das quantidades de café despolpado e de terreiros exportadas pela Venezuela nos últimos anos.

QUADRO III

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ VENEZUELANO

Sacos de 60 quilos

	CAFÉ EXPORTADO				EM PORCENTAGEM		
	DESPOLPADO	DE TERREIRO	OUTRAS CLASSES	TOTAL	DESPOLPADO	DE TERREIRO	OUTRAS CLASSES
1933	223.189	345.418	521	569.121	39,21%	60,69	0,10
1934	219.734	536.372	4.554	760.660	28,88	70,51	0,61
1935	346.554	536.076	11.504	894.134	38,75	59,95	1,30
1936	338.312	685.725	2.001	1.026.038	32,97	66,83	0,20
Média de 4 anos	**281.945**	**525.897**	**4.645**	**812.488**	**34,70**	**64,73**	**0,57**
1937	283.231	411.070	821	695.130	40,74	59,13	0,03
1938	326.953	270.580	683	598.216	54,65	45,23	0,12
1939	225.750	230.772	—	456.522	49,44	50,55	—
1940	231.681	241.099	2.099	474.879	48,78	50,77	0,45
1941	328.810	401.015	136	729.961	45,04	54,94	0,02
Média de 5 anos	**279.285**	**310.907**	**748**	**590.941**	**47,26**	**52,61**	**0,13**

Comparando-se a média do quatriênio 1933-1936 com a do quinquênio 1937-1941, verifica-se que houve um aumento na porcentagem de cafés despolpados exportados, que passaram de 34,70% para 47,26% do total da exportação.

* * *

Em resumo :

1.º) O censo cafeeiro realisado na Venezuela apurou a existência de . . . . 566.006.859 cafeeiros ;

2.º) a produção média verificada foi de apenas 126 gramas por árvore ;

3.º) essa produção equivale a pouco mais ou menos 16 arrobas por área de mil cafeeiros nossos ;

4.º) a propriedade cafeeira se acha extremamente dividida, predominando, em número, a pequena propriedade ;

5.º) a produção venezuelana é constituida em sua maioria por café de terreiro (*trillado*) ;

6.º) a pequena propriedade é responsavel pelas maiores proporções de café de terreiro produzido ;

7.º) visando melhorar a qualidade do café foram instaladas numerosas Centrais de benefício ;

8.º) tem havido aumento nas quantidades de café despolpado exportado.

* * *

Referências :

1) Mendes, J. E. Teixeira. Política cafeeira. A situação venezuelana. Revista do Instituto de Café do Estado de São Paulo. 160 : 812-814 ; junho de 1940 ;

2) Anônimo. Censo Cafetero. Instituto Nacional del Café. Caracas. Venezuela. 1940 ;

3) Anônimo. El comercio de café en pergamino. Revista del Instituto Nacional del Café. Venezuela. 9 : 55-56 ; setembro de 1941 ;

4) Anônimo. Centrales de benefício. Revista del Instituto Nacional del Café. Venezuela. 11 : 21-23 ; março de 1941 ;

5) Anônimo. Centrales de benefício. Revista del Instituto Nacional del Café. Venezuela. 12 : 53-55 ; junho de 1942 ;

6) Anônimo. Influência de la maquina em la industria cafetera. El Agricultor venezolano. 77-78 : 12-17 ; setembro-outubro - 1942 ;

7) Anônimo. Exportaciones de café venezolano por classes. Revista del Instituto Nacional del Café. Venezuela. 13 : 61 ; setembro de 1942.

Comércio Interestadual Brasileiro

J. C. MELLO

E' sabido que as gigantescas cifras do comércio exterior dos Estados Unidos representam apenas cerca de 10% do volume total de suas transações. Os outros 90% são devidos ao comércio interestadual, servido, aliás, por magnífica rêde ferroviária e rodoviária, sendo que a primeira excede de 400.000 quilômetros, e por cerca de 12.000.000 de toneladas de navios (em 1938).

Com um território maior ainda que os Estados Unidos, se lhe contarmos à parte o Alaska e as possessões extra continentais, nossa rêde ferroviária é de apenas 34.000 quilômetros (1938) e nossa frota mercante de cerca de 700.000 toneladas (1942). Esses simples números indicam a tremenda transcendência do nosso problema de transportes. E explicam tambem porque o nosso comércio exterior, com tonelagem estrangeira, foi, durante muito tempo, o nosso principal sustentáculo. "País essencialmente agrícola", e com uma agricultura preponderantemente monocultora, nossa preocupação era a de produzir para exportar (açúcar, café, etc.). Como pagar, dizíamos, as nossas compras no exterior, e como manter o nosso padrão de vida, sem o ouro que entrasse das exportações ?

Hoje em dia, novos rumos foram impostos à nossa economia. O Brasil já não é um "país essencialmente agrícola", nem monocultor. Ao contrário, é até mais industrial que agrícola, de vez que a nossa produção industrial vem superando, e cada vez mais, a agrícola e a extrativa.

E, fenômeno ainda mais interessante, o nosso comércio interestadual cresce cada vez mais, a ponto de vir constituindo, como nos Estados Unidos, a quasi totalidade do intercâmbio total.

Não se segue daí que estamos a preconizar uma autarquia rígida, com o consequente abandono do comércio externo. Embora uma relativa autarquia seja conveniente e às vezes até indispensavel, e embora essa seja a norma vigente desde ha alguns anos em numerosos paises, exagerada ainda pela guerra atual, isso não deve constituir preocupação dominante e exclusiva. A melhor norma seria, se possivel, a de cada região produzir aquilo que em melhores condições o pudesse fazer. A livre troca internacional faria o resto. Como, entretanto, a paz perpétua continua a ser uma utopia, e cada nação deve preparar-se para o pior, torna-se necessário que cada país desenvolva e estimule, dentro de suas fronteiras, a produção do maior número possivel de artigos, principalmente daqueles de vital interesse.

Isto posto, analisemos alguns números que nos ajudarão a melhor compreender o que vimos expondo. Dentre esses, vejamos desde logo os que se referem ao nosso comércio exterior.

Do relatório do Banco do Brasil, ha pouco publicado, constam os seguintes totais relativos à nossa exportação e importação para o estrangeiro, nos últimos anos :

EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO	
ANOS	VALOR EM MILHÕES DE CRUZEIROS		VALOR EM MILHÕES DE CRUZEIROS
1938	5.097	1938	5.195
1939	5.615	1939	4.984
1940	4.961	1940	4.964
1941	6.725	1941	5.514
1942	7.495	1942	4.644

Vemos, desses algarismos, que a nossa exportação, a não ser no ano de 1940, registrou um aumento ininterrupto. A importação, ao contrário, teve altos e baixos e acabou esse quinquênio num nivel inferior àquele em que começara. Aconteceu, até, que a importação de 1942 foi a menor do quinquênio e a exportação desse mesmo ano a maior. Nessas condições o saldo a nosso favor, nesse ano, foi um dos maiores que temos conseguidos no últimos tempos, com 2.851 milhões de cruzeiros. Partimos de um deficit em 1938 e fomos a um saldo de 631 milhões de cruzeiros em 1939 ; novo deficit, desta vez apenas de 3 milhões de cruzeiros, em 1940 ; um saldo de 1.211 milhões em 1941 e em 1942, como já dissemos, de 2.851 milhões. Aproximamo-nos muito dos 30.000.000 de libras de saldo, que conseguiamos nos bons tempos, em que o comércio era livre.

O curioso é, entretanto, que a essa melhoria nas cifras do nosso comércio exterior, correspondeu melhoria bem mais acentuada nas do nosso comércio interno. De modo que, registrando embora auspiciosa expansão, a porcentagem do comércio exterior no total do nosso intercâmbio vem declinando cada vez mais. Talvés não exceda atualmente de 12%, segundo as conclusões a que teem chegado alguns estudiosos dos nossos fatos econômicos, um dos quais, o sr. José Garrido Torres, funcionário do "Brasilian Government Trade Bureau", de New York, publicou na Revista de Ciências Econômicas, desta Capital, um interessante trabalho sobre o nosso mercado interno.

Outro fato auspicioso, consequente da atual situação política internacional, é o da elevação do preço médio da tonelada de mercadoria exportada, o qual passou de 1342 cruzeiros, em 1939, para 2818 em 1942. O aumento foi, assim, de 1476 cruzeiros por tonelada (mais de 100%).

Se o movimento comercial interno do país aumenta, como se está verificando, quais as causas desse fenômeno ?

Várias são elas e tentaremos resumí-las : em primeiro lugar, o atual conflito ; em segundo, o aumento da nossa industrialização que é, em grande parte, uma consequência desse mesmo conflito ; em terceiro, o desenvolvimento de várias de nossas fontes produtivas, até ha pouco estagnadas ; em quarto, o desenvolvimento de nossas vias de transporte, fator esse que, infelizmente, está agora atingido de grave crise, a qual possivelmente se refletirá sobre as cifras do corrente ano.

Em São Paulo, no seu comércio, verifica-se fenômeno semelhante ao que se nota no intercâmbio geral do país : cresce o comércio externo, mas cresce ainda mais o interno, de modo que a troca de mercadorias com as outras unidades da Federação, que era antes pequena parcela no total do nosso intercâmbio, é hoje a cifra mais ponderavel, e aumenta de ano para ano.

O fenômeno é sobremodo interessante, e merece outros e mais minuciosos comentários, que tencionamos fazer em um dos nossos próximos artigos.

Comércio de Cabotagem no Brasil

Resumo por unidade federada, nos anos 1938, 1939, 1940 e 1941

DESTINO E PROCEDÊNCIAS	IMPORTAÇÃO — MILHARES DE CRUZEIROS				EXPORTAÇÃO — MILHARES DE CRUZEIROS			
	1938	1939	1940	1941	1938	1939	1940	1941
Território do Acre	9.648	17.346	22.192	31.926	22.210	17.289	18.466	19.045
Amazonas	98.162	103.665	115.636	169.867	34.117	33.635	55.393	84.731
Pará	167.757	178.636	200.067	280.214	109.096	113.042	127.187	216.570
Piauí	45.647	56.622	67.874	104.381	6.028	6.236	7.030	11.283
Maranhão	70.710	83.668	86.391	103.710	42.747	41.421	38.366	51.318
Ceará	223.014	255.840	262.293	347.440	41.757	54.588	61.153	107.019
Rio Grande do Norte	82.516	78.037	86.252	108.732	78.861	65.159	76.402	122.030
Paraíba	77.502	81.192	92.208	116.658	94.486	115.177	132.854	182.781
Pernambuco	375.046	441.793	491.633	629.056	434.711	504.433	500.027	667.004
Alagoas	81.335	90.574	93.914	95.600	105.486	134.891	129.576	150.182
Sergipe	65.597	69.783	78.783	81.325	57.651	57.826	75.042	84.750
Baía	452.444	470.228	466.527	623.039	127.780	156.914	174.544	240.865
Espírito Santo	73.921	75.599	60.464	95.753	34.870	36.626	32.761	37.949
Rio de Janeiro	29.708	30.526	34.843	22.186	22.176	18.511	17.439	22.232
Distrito Federal	833.853	939.139	1.014.945	1.302.993	1.230.574	1.303.759	1.354.375	1.793.590
São Paulo	505.193	571.421	633.926	835.997	698.996	818.795	1.008.199	1.304.330
Paraná	95.139	98.346	112.012	130.639	73.830	77.754	95.711	125.745
Santa Catarina	157.139	160.800	175.572	224.770	165.187	178.542	192.210	256.380
Rio Grande do Sul	654.408	721.993	775.314	944.505	719.628	792.406	775.757	773.329
Mato Grosso	1.688	3.209	5.799	7.633	236	1.413	4.153	5.291
Totais	4.100.427	4.528.417	4.876.645	6.256.424	4.100.427	4.528.417	4.876.645	6.256.424

Th. Preising
São Paulo
1940

Resumos e Transcrições

O USO RACIONAL DO SOLO

JOSÉ SETZER

Assistente auxiliar da Secção de Solos do Instituto Agronômico do Estado

A CULTURA DEVE SER ADEQUADA AO SOLO

Um dos principais defeitos da exploração agrícola no Estado é o pouco caso que se faz em saber se o solo é apropriado ou não a uma certa cultura.

O nosso lavrador sabe que cada tipo de solo produz determinadas culturas de preferência a certas outras. Sabe tambem que cada cultura prefere uma certa distribuição de chuvas e uma certa situação topográfica. A questão muito importante das pragas e do seu combate tambem não lhe é alheia.

Mas um só pensamento parece dominá-lo na escolha da cultura, em que se decide a aplicar todo o seu esforço e todo o seu solo : é o lucro que espera da cultura. Por isso ele escolhe a cultura que "dá", que "está na moda", cujo produto se acha, no momento, altamente cotado no mercado.

Diversas consequências más proveem dessa submissão do bom senso à ganância, entre elas a monocultura, a falta de amor pela terra e o mau conhecimento do ofício, resultando, afinal, no baixo rendimento das colheitas e na ruina do solo.

Na época em que o café "estava dando", foram plantados enormes cafezais em solos impróprios : ácidos, muito arenosos, secos ou de baixa porosidade. Basta um destes defeitos do solo, para que o cafeeiro não cresça bem e não dê boa produção, e para que seja, portanto, mais racional usar o solo para uma outra cultura. É claro que estando presentes os quatro defeitos mencionados, a solução seria a pastagem ou reflorestamento.

Mas, muitos fazendeiros plantaram café em grandes extensões de solos com um ou dois daqueles defeitos, apenas por terem achado imprescindivel plantar café, porque o café "estava dando".

Enquanto o café "estava dando" realmente, a baixa produção do solo era frequentemente compensada pelos preços vantajosos conseguidos no mercado.

A preocupação de "fazer dinheiro" obriga o lavrador a plantar cultura inadequada ao tipo de solo ; o insucesso resultante provoca o descontentamento para com a terra, a descrença no adubo e a perda de tempo, que resulta da falta de assimilação dos métodos de cultivo e dos tratamentos do solo adequados às culturas.

Depois de ter começado a entender um pouco de uma cultura, o lavrador é capaz de abandonà-la e lançar-se de corpo e alma à exploração de uma outra : basta, para isto, que esta passe a ser a "cultura da moda", deslocando para o segundo lugar aquèla outra.

Não estamos demonstrando as vantagens da policultura. Queremos esclarecer que a cultura praticada deve estar sempre de acordo com o tipo de solo e com alguns outros fatores importantes que podem prejudicar totalmente as colheitas. Podemos citar entre tais fatores a distribuição das chuvas e das pragas, a situação topográfica e, para certas culturas, a altitude.

Assim, em cada zona-agro-geológica do Estado, deveriam ser praticadas apenas poucas culturas, as melhor adequadas ao solo, e sempre as mesmas. Os lavradores penetrariam inconcientemente nos segredos das suas culturas, porque teriam tempo (e são necessárias gerações) para experimentar vários processos de combate às pragas, várias maneiras de tratar o solo, para sentir a melhor época de plantio de acordo com as chuvas, etc.

A nossa agronomia está bastante adiantada nesse sentido. Já foram executadas pesquisas suficientes para definir os tipos de solo e para orientar o lavrador em todas as questões mencionadas. Mas o saber dos Agrônomos não consequirá elevar o rendimento geral dos solos do Estado a um nivel razoavel, enquanto cada lavrador não assimilar os processos racionais de cultivo, ao menos de um par de culturas em um par de solos diferentes da sua região. E para isto precisará de muitos anos.

De acordo com o sistema apontado, cada fazenda. ou sítio poderia produzir arroz, feijão, milho, batatinha, mandioca, batata doce, tomate, verduras diversas, legumes e frutas, pois, para isto, devem ser aproveitadas as várzeas, cercanias de casas, sopé de morros, etc.

O COMBATE À ACIDEZ DO SOLO

A correção da acidez nociva de um solo nunca deve ser feita bruscamente. Deve-se corrigí-la aos poucos, de maneira que as plantas não sejam magoadas por alguma concentração de cal. Prefira-se, por isto, o calcáreo moido. Os corretivos devem ser aplicados bem antes do plantio, talvés mesmo logo depois da colheita, para que, com o movimento da água dentro do solo, a assimilação do corretivo já esteja bem adiantada na época do plantio.

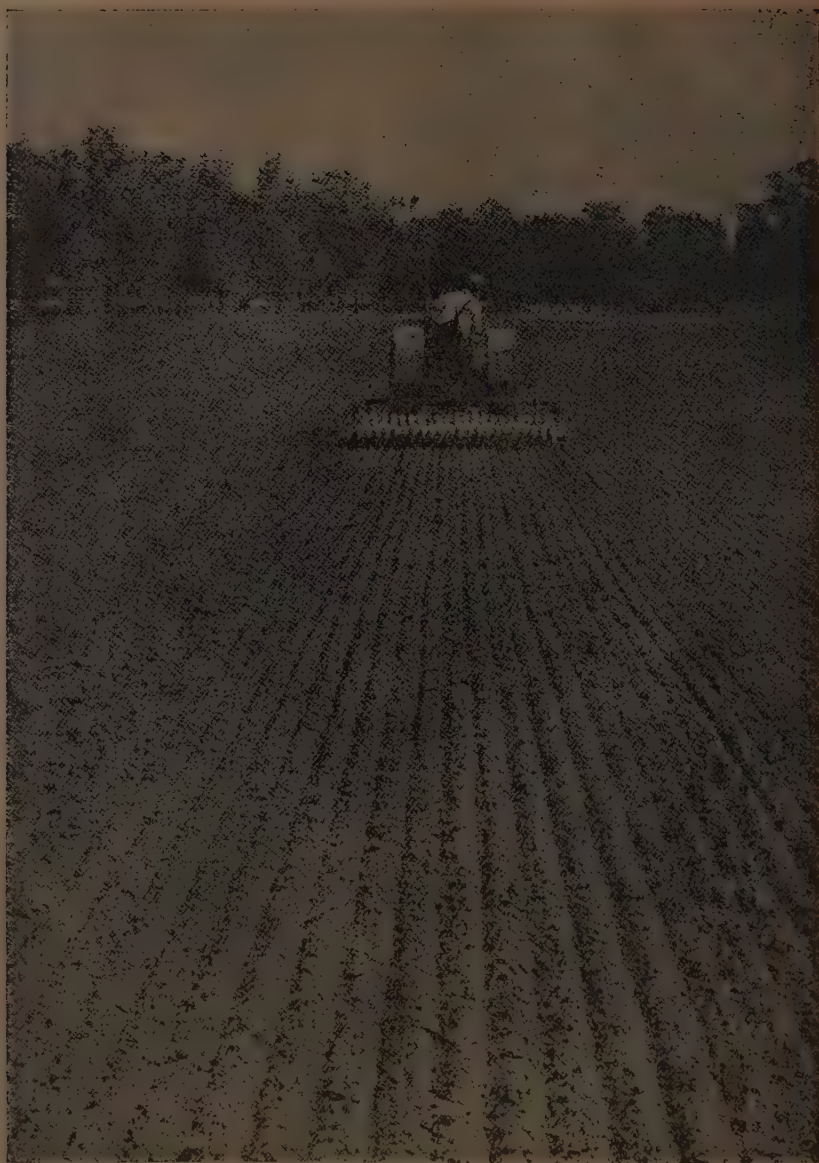
O tempo é um fator importante nas transformações que se operam no solo. É preciso aproveitar bem a ação desse fator para conseguir melhoramentos uniformes e duradouros.

Nos solos bem ácidos (pH abaixo de 5 ; mais ácido o solo, mais baixo é o seu pH) deve-se adicionar pouca cal por ano, mas durante muitos anos. A melhoria será gradativa e as colheitas, partindo de um nivel baixo, aumentarão vagarosamente ; mas teremos a certeza de melhorar realmente o solo e de uma forma definitiva.

Ao mesmo tempo notaremos que a adubação com fósforo, azoto e potássio, quase independentemente da espécie de fórmula, nos trará aumento de colheita cada vez maior em relação ao mesmo solo tratado somente com a cal.

Fósforo, azoto e potássio são os elementos principais de nutrição das plantas. O cálcio não é um nutrimento importante, mas é indispensavel para combater a acidez.

Portanto, cada colheita recebida do solo deixa nele um fator perfeitamente calculavel de acidez. Para neutralizá-la, basta pouco cálcio, meia tonelada de calcáreo moido por hectare que corresponde a uma despesa de cerca de Cr.$ 60,00.

Mas, para que, partindo de um solo bem ácido (cansado, esgotado, como às vezes diz o lavrador) possamos chegar a certa facilidade de correção da acidez deixada por uma colheita, temos que, primeiramente, tratar o solo com uma tonelada de calcáreo moido por ano, durante uns oito, doze ou quinze anos mesmo, conforme o grau de acidez inicial.

O trabalho de terra bem executado contribue, consideravelmente, para as colheitas abundantes.

Fala-se em "pH ótimo" das plantas. Diz-se que umas preferem solo ácido, outras neutro, outras ainda alcalino. No Estado de S. Paulo, cujos solos proveem de rochas-mater geralmente ácidas e são submetidos a uma precipitação atmosférica elevada, pode-se estabelecer o princípio geral de que, quanto mais alto o pH, melhores serão as colheitas.

Na parte norte da Alemanha, por exemplo, os lavradores podem dizer que a batatinha prefere um solo ácido, porque lá os solos alcalinos predominam. Nós aquí só podemos dizer que a batatinha *tolera* uma certa acidez do solo, enquanto outras plantas a toleram menos. Para nós a elevação do pH é desejavel em 85% dos nossos solos e para os 100% das nossas colturas, inclusive a batatinha.

O nosso lavrador gostaria de saber analisar o solo e fazer cálculos de adubação. Tudo isto não é tão essencial, como parece. Os erros dos cálculos podem ser muito grandes, a-pesar-de toda a nossa boa vontade e cuidado para não os cometer. Vamos explicar porque.

A diferença entre dois tipos de solo pode ser muito grande. As ações químicas, coloidais e biológicas que se porcessam no solo, podem ser completamente diversas em dois tipos de solo aparentemente pouco diferentes. Mais do que isto : podem ser completamente diversas no mesmo solo em regimes de chuva ou situação topográficas diferentes.

As colheitas entre nós dependem muito do capricho das chuvas e das pragas. Que cálculos vale a pena fazer, se não sabemos prever quando e quanto choverá e em que grau a nossa cultura será atacada pelos fungos e pelos insetos ?

É util saber que uma cultura gosta mais do fósforo ou uma outra do potássio. Mais importante é, porem, conhecer os defeitos físicos do solo, tratar de eliminar a sua acidez nociva, estercar o solo o mais possivel e tratar de evitar as queimadas.

Que pH deve ser atingido, para dar por terminado o combate à acidez ? Podemos dar, em resposta, o valor 6, mas não queremos atribuir-lhe muita importância. Com uma tonelada anual de calcáreo moido por hectare, a acidez irá diminuindo. As colheitas irão subindo aos poucos. Nas partes adubadas com qualquer fórmula, os resultados serão cada vez melhores em relação aos lugares tratados só com o calcáreo. Irão passando os anos satisfatoriamente e o solo irá sempre melhorando. Quando, depois de oito, doze ou quinze anos, notarmos que as colheitas das glebas tratadas só com calcáreo não mais acusarem progresso, poderemos admitir que a neutralização da acidez esteja concluída.

Passaremos, então, a adubar toda a nossa terra com fósforo, azoto e potássio, sempre variando de quantidades, para elaborarmos a nossa própria fórmula, usando o calcáreo apenas a título de eliminação da acidez deixada pela última colheita : meia tonelada por hectare, como acima dissémos.

É preciso observar que há culturas, para as quais, em certas épocas e regiões, a elevação do pH a um bom nivel se torna contraproducente, por causa das pragas, que podem profilerar ao ponto de tornar demasiadamente dispendioso o seu combate. A batatinha pode servir de exemplo : num pH da ordem de 6, em solo humoso e clima úmido, a produção pode ser exuberante, mas a sarna e a murcha bacteriana podem praticamente inutilizá-la toda.

Queremos frizar que, do nosso ponto de vista, a agricultura deve ser uma continua experimentação. O lavrado deve estar sempre experimentando os diferentes adubos, tratamentos do solo, combate às pragas, tudo, enfim. Mas deve conduzir tais experiências com critério, cuidado e interesse, sempre em contato com a palavra dos agrônomos, anotando sempre os tratamentos e os resultados e evitando experiências absurdas, para não perder tempo.

Campo de algodão, racionalmente preparado para combater a erosão, no Texas. A lavra e o plantio são feitos obedecendo o critério da ondulação do terreno e nunca morro abaixo ou morro acima, como frequentemente se observa entre nós.

AS PROPRIEDADES FÍSICAS DO SOLO

O conhecimento das caraterísticas físicas do solo é de grande alcance para qualquer exploração agrícola.

Todos os fenômenos químicos e biológicos que se processam no solo, variam muito de acordo com o seu estado físico. Porisso, em cada solo que estuda, a Secção de Solos do Instituto Agronômico determina mais que meia centena de diversas caraterísticas físicas.

Sem dispôr de aparelho algum, pode, entretanto, o lavrador fazer tambem algumas observações valiosas.

Um bom processo para examinar-se, no campo, ao propriedades físicas do solo, infelizmente tão pouco usado entre nós, pois entre mil lavradores é pouco provavel encontrar um que o pratique, consiste em abrir uma cova profunda e examinar atentamente as suas quatro paredes verticais.

A profundidade da cova depende da profundidade que pode ser alcançada pelas raizes das plantas cultivadas, mas não deve ser menor do que um metro. Igual dimensão mínima devem ter a largura e o comprimento da cova, cujo fundo deve ser limpo de terra.

Munidos de uma faca de ponta, canivete ou estilete qualquer de ponta aguda, pulamos na cova e percutimos as suas quatro paredes com golpes leves e uniformes, dirigidos com a ponta diretamente de encontro ao plano das paredes. Estas percussões devem ser feitas de 5 em 5 centímetros, seguindo uma linha reta de cima para baixo, desde a superfície até o fundo da cova ou "perfil de solo", como dizem os técnicos.

O solo é bom fisicamente, quando é fofo, fresco, argiloso, mas não em demasia, conservando todas estas propriedades igual e homogeneamente até o fundo do perfil.

O SOLO RASO

As percussões com a ponta aguda, leves e iguais, mostram nitidamente a existência de camadas menos fofas e a variação da profundidade, à qual se encontram.

Quando se abre uma cova numa capoeira, mata ou cerradinho, vegetação, enfim, bastante velha e povoada de árvores, mesmo que de pequeno porte, a observação atenta da distribuição das suas raizes nas paredes do perfil confirma a existência e a situação da camada mais densa, localizada por meio das percussões: as raizes, mesmo quando bastante grossas, praticamente não atravessam tais camadas densificadas, se estas tiverem uma certa espessura, superior a um palmo, digamos.

Nota-se neste caso, com nitidez suficiente, que as raizes mudam da direção vertical para a horizontal, e a sua quantidade por unidade de superfície de parede da cova diminue repentinamente.

As camadas ou horizontes densos limitam o solo à profundidade em que se encontram. É muito frequente estarem a um ou dois palmos da superfície, produzindo, assim, o chamado "solo raso".

Como resultado temos o mau crescimento das plantas e a redução do volume de solo que elas podem explorar. Um solo quimicamente rico e de boa capacidade de retenção dágua pode assim fornecer menos alimentos às plantas que um outro pobre e seco, mas bem mais profundo.

Quando tais camadas densificadas estão a pequena profundidade e a sua espessura é consideravel, a aração sem subsolagem, mesmo quando repetida e aprofundada, torna-se impotente para conseguir um bom volume de solo para as plantas. Somos então obrigados a destinar o solo a uma cultura de enraizamento superficial.

O escopo da aração é afofar o solo para facilitar a primeira fase do crescimento das plantas. Na maior parte do ciclo vegetativo as raizes exploram o solo não atingido pelo arado. Quanto às culturas perenes, o cafeeiro, por exemplo, ou a laranjeira, o seu cultivo é impossivel nos solos com menos de um metro de profundidade.

A maioria das nossas culturas exige solòs bastante fofos. Por isso, basta que a camada em questão seja sensivelmente menos fofa, sem ser muito densa ou impermeavel, para que o crescimento das plantas seja seriamente prejudicado.

O algodoeiro, por exemplo, precisa de solo fofo. Se a uns 30 cms. abaixo da superfície houver um horizonte sensivelmente densificado, sem ser impermeavel, por completo, o crescimento da planta será prejudicado e as colheitas reduzidas, sem que o lavrador, que só conhece a superfície, saiba a razão do seu insucesso.

Para evidenciar a extensão do prejuizo acarretado pelo baixo rendimento das culturas em solos rasos, basta dizer que a camada densificada tende a se formar em todos os solos cultivados, menos em alguns poucos tais como as várzeas de subsolo inundado e aquelas terras-roxas "encaroçadas" ou "apuradas" (elas estão se tornando muito raras, infelizmente) que se acham no alto de morros, pratica-

mente sem declive. Basta uma pequena declividade, para que a formação dessas camadas densificadas seja bem mais rápidas, em qualquer tipo de solo.

Outro inconveniente grave causado pelos horizontes densificados nos solos de encosta de morro é o aumento extraordinário do perigo de erosão. Por menor que seja a declividade, e mesmo que o horizonte densificado não seja de todo impermeavel, as águas das chuvas intensas, que não teem tempo para nele penetrar, correm sobre a sua superfície, arrastando consigo o solo fofo de cima.

Qual o remédio para o mal ?

Em primeiro lugar, não plantar em solos que não tenham a profundidade suficiente para a cultura. Em segundo, nunca plantar sem defesa contra a erosão, por menor que seja o declive do terreno, para que a camada fofa superficial não seja localmente adelgaçada pelas águas. Em terceiro lugar, devemos atacar o horizonte densificado por todos os meios, tais como a aração profunda, a subsolagem ou a adubação verde, conforme o caso. Esta última sentirá as mesmas dificuldades que as culturas, mas, como resultado da luta entre as raizes e a camadas densa do solo, obteremos sempre uma certa melhoria. Devem-se aconselhar aquí os adubos verdes de enraizamento menos superficial, como, por exemplo, a Grotalaria juncea.

O teor de humus das nossas terras é geralmente muito baixo, quando não se trata de solos de várzea, e a capa humosa é quase sempre fina. As arações profundas e a subsolagem dispersam a pouca matéria orgânica pelo grande volume de solo revolvido, causando assim o empobrecimento em humus da camada superficial do solo, a qual deve ser, entretanto, sempre rica em matéria orgânica para tornar facil a primeira fase de crescimento das plantas.

Em geral, é impossivel corrigir o solo por meio de apenas um tratamento químico ou físico : somente um conjunto de diversas medidas, aplicadas lenta e constantemente, pode restituir ao solo a fertilidade perdida em consequência dos maus tratos do homem.

A profundidade e a espessura do horizonte densificado, assim como as outras caraterísticas físicas do solo, variam bastante, mesmo em se tratando de talhões relativamente pequenos. Por isso, para conhecermos bem o terreno a ser cultivado, devemos abrir diversos perfís de solo, de acordo com a situação topográfica, tipo de vegetação e tipo de solo.

Assim, quanto à situação topográfica, o solo deve ser examinado no espigão, no começo, no meio e no fim da encosta de morro, e na baixada, completando-se desta maneira o que se chama "catena" de um tipo de solo. Não é muito trabalho, pois que basta fazê-lo uma vez em dez anos. O lavrador que tenha uma vez examinado deste modo o solo da sua fazenda, terá sempre presente, inconcientemente, a natureza física da sua terra, pois há sempre ocasiões para observar barrancos de estradas, sulcos, valos ou poços, relacioná-los uns com outros e com os das terras vizinhas, para se darem as razões da variação observada.

Quanto ao tipo de vegetação, é mais dificil encontrar um horizonte densificado num solo sob mata velha e fechada, do que numa capoeira nova : o esforço das raizes, prolongado por muitos anos, acaba vencendo as camadas densas relativamente delgadas, afofando as camadas grossas até uma boa profundidade.

Finalmente, em diversos tipos de solo as camadas densificadas fazem parte da sua estrutura natural, inerente às caraterísticas geológicas e aos processos genéricos do solo. São estratos de argilas impermeaveis ou de areias compactas

de granulação vária, de acordo com o regime de sedimentação de épocas remotas, assim como veios mais ou menos horizontais, quarzíticos ou de outras pedras de cantos agudos, que, ocupando uma grande parte do volume do solo, deixam tão pouco espaço à terra fina, que somente certas plantas nativas e rústicas podem suportar tais condições dificeis.

TEOR DE ARGILA E AREIA

Outra caraterística física do solo de grande importância é a sua capacidade de retenção de água. Este fator, multiplicado pelo volume do solo disponivel às plantas, fornece a quantidade total de água que pode alimentar uma cultura. E trata-se do alimento principal, mais importante que os nutrimentos químicos, e mais difícil de conseguir, quando está faltando.

Em geral, mais argiloso o solo, maior é a capacidade de retenção de água, pois as partículas microscópicas de argila, as que emprestam ao solo as suas propriedades coloidais de absorver água, impedindo-a assim de se escoar pela ação de gravitação.

O poder específico de retenção dágua varia muito com a natureza das partículas microscópicas do solo, chamadas genericamente "argilas" : algumas delas bem como o humus, reteem a água em quantidade dez vezes maior que a retirada por certas outras argilas. Mas, em geral, não se tratando de solos lateríticos, dentro dos mesmos tipos de solo, as argilas são de natureza semelhante, permitindo a idéia de que quanto mais argiloso o solo, maior é a sua retenção dágua.

Os solos lateríticos são, em poucas palavras, solos senís, envelhecidos, nos quais já se deram todas as transformações, pelas quais pode passar um solo sob a ação do intemperismo e dos fenômenos biológicos. São, felizmente, bastante raros no Estado, ao contrário das teorias de diversas sumidades de envergadura mundial, que aquí não estiverem e apenas se basearam em velhas e escassas análises dos nossos solos.

Quando o solo é demasiadamente argiloso, é impermeavel e traiçoeiro, quando arado, pois se incha nas estações chuvosas, permitindo ótimo desenvolvimento às raizes das plantas, para depois, nas épocas secas, fechar-se em blocos compactos, esmagando as raizes e fazendo com que, devido à granulação grosseira dos blocos, a sua ação coloidal desapareça praticamente e com ela tambem desapareça toda a sua capacidade de fornecer nutrimento.

Tambem aquí a mencionada terra roxa "encaroçada" faz exceção admiravel : a sua porosidade natural é tão grande que, a-pesar-de muito argilosa, só se fecha e se fendilha no primeiro centímetro da superfície, conservando-se mais abaixo e porosa e dificultando ainda a perda de água por evaporação.

Quando o solo é demasiadamente arenoso, o seu aproveitamento para cultura é praticamente impossivel. Este solo é seco, porque quase não há nada nele que retenha a água. Com a exceção dos espigões da parte Oeste e Noroeste do Estado, onde são localmente bem ricas, graças a razões geológicas, as nossas terras arenosas, das formações sedimentares e de alguns xistos quarzíticos são muito pobres quimicamente e apresentariam verdadeiros desertos, se não fosse a abundância das chuvas.

Com exceção da cultura de abacaxí que, mesmo assim, produz pouco em terras excessivamente pobres, e caraguatá, cujo crescimento é moroso, mas satisfatório, o uso racional do solo arenoso, seco e pobre consiste no reflorestamento com certas

espécies de eucalipto. É util, tambem, tentar plantar o capim catingueiro com estrumação : conforme o tipo de solo, pode-se conseguir bons pastos e duradouros, mas sempre mediante boa defesa contra a erosão.

Mencionamos caraguatá como planta de cultura, quando é uma bromeliácea nativa de campo pobre e seco. É que ela, sem exigir cuidados, produz uma fibra de boas qualidades e facil extração, ao passo que o Estado importa produto semelhante do exterior.

O solo arenoso e pobre não pode ser tratado quimicamente. As fortes doses de cal e de adubos que ele exige, não podem ser por ele retidas nas épocas chuvosas, por falta de argila. Nas épocas secas esses ingredientes químicos ficam em combate direto com as raizes, intoxicando-as.

É indispensavel às culturas que o solo contenha bom teor de argilas que são, como dissemos, matéria coloidal absorvente, funcionando como verdadeira esponja ou depósito, apto a fornecer ou armazenar água e nutrimentos em geral.

A chamada "análise sumária de terra", tão vulgarizada no Estado, deveria incluir a determinação importantíssima das percentagens de areia e argila do solo.

Outro defeito da análise sumária é o de estudar o solo por unidade de peso, causa que nos induz a erro, pois que as plantas exploram volumes e não pesos de solo.

Um metro cúbico de terra preta barrenta de várzea, com o subsolo inundado, pesa, nas condições naturais, com os seus poros, torrões, minhocas e raizes mortas e vivas, cerca de 300 quilos. Em condições iguais, um metro cúbico de terra "catanduva" bastante arenosa pesa quase uma tonelada e meia.

Só quando os resultados de análises se referem a volumes de solo, é que podem servir de base para algum cálculo realista.

O QUE NOS ENSINA O PERFIL DE SOLO

O exame dos perfis de solo permite ao lavrador inteligente diversas noções que com a prática tornam-se valiosas e altamente instrutivas. Essas noções podem ser assim enumeradas :

1) espessura, densidade e natureza dos diversos horizontes ;

2) distribuição das raizes que indica as dificuldades que elas tiveram para penetrar no solo ;

3) avaliação do teor de areia e argila das camadas que realmente alimentam as plantas ;

4) avaliação da capacidade de retenção dágua (solo fresco ou seco na profundidade) ;

5) idéia sobre a porosidade, a consistência, a estrutura e a permeabilidade do solo ;

6) diferenciação dos horizontes pela sua coloração e avaliação da profundidade atingida pela matéria orgânica.

Se os nossos lavradores procurassem conhecer as suas terras "por dentro", examinando diversos perfís de solo, o rendimento geral das culturas do Estado teria, sem dúvida, melhorado sensivelmente, pois é "por dentro" do solo que se encontra o que nutre a planta.

(*Do "Boletim de Agricultura" n.º único* — 1940)

Bebida Inegualavel

(*Resumo, por* DR. C. F.)

O café não constitue apenas uma bebida completa ao paladar, mas sim, tambem, um conjunto de qualidades uteis e indispensaveis ao bem-estar do organismo humano. Em seu favor já se teem manifestado cientistas de renome universal que, ao par das inúmeras experiências que realizaram, são unânimes em afirmar os seus efeitos benéficos e as suas propriedades eminentemente favoraveis à saude. Vejamos, aquí algumas dessas opiniões :

Professor Samuel C. Prescott, do Instituto de Tecnologia, de Massassuchetts "depois de longas experiências e investigações científicas posso dizer, sem receio, que o café não é nocivo à saude da maioria das pessoas adultas. Si for preparado e usado convenientemente o café conforta, inspira e aumenta as atividades físicas e mentais, devendo, pois, ser considerado elemento util à civilisação".

Dr. Ralph H. Cheney, cientista norte-americano, cujos trabalhos sobre o café são sobejamente conhecidos : "Cheguei à conclusão de que o uso do café é de grande vantagem para mais de 90 por cento das pessoas de constituição normal. Atribuo ainda, ao uso do café bem preparado, efeitos benéficos de natureza psicológica, como o bem-estar e o bom humor, e fisiológico pelo leve estímulo que imprime ao coração, aos pulmões e aos músculos, resultando uma melhor coordenação dos esforços físicos."

Dr. Hugh Mac Ghigan, diretor do Departamento de Terapeutica e Farmacologia da Escola de Medicina da Universidade de Ilinois : "Pelo uso moderado do café, as idéias se tornam mais faceis e rápidas, os trabalhos intelectuais são feitos com maior precisão e suportados por mais tempo."

Dr. Donald A. Laird, diretor do Departamento de Tecnologia da Universidade de Colgate, cujos estudos de psicologia são bastante conhecidos na América do Norte, alem de trabalhos gerais sobre o café, possue interessantes observações a respeito da influência dessa bebida sobre o sono: "Quasi tudo que se tem descoberto com relação ao café leva-nos a concluir que os seus efeitos são mais psicológicos de que fisiológicos. Disto resulta que, si nos sugestionarmos que o café tirará o sono, certamente não dormiremos. Esta é a verdadeira relação que existe entre o sono e o café."

É interessante notar que, enquanto o dr. Laird estudava os efeitos do café sobre o sôno, outros estudos sobre o mesmo assunto eram realizados na Costa do Pacifico pelo dr. Leo Stanley, cujas conclusões vão alem, pois afirma que o café provoca o sono.

O CAFÉ NO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS

Por gerações a fio vem sendo o café o lenitivo indispensável do soldado ianque. Teve seu lugar na Guerra da Independência e, na Guerra de Secessão, vêmo-lo aceito como artigo vital no regime alimentar de campanha.

Antes de procedermos a um exame estatístico sobre o aumento potencial do consumo do café pressagiado pelo recrutamento em tempo de paz, seria interessante, num relance retrospectivo, apreciarmos a opinião dos nossos antepassados, combatentes da guerra civil, tanto os "Azues" como os "Cinzas", sobre o café que tomavam. Para tal, nada melhor do que respigarmos num velho e saboroso livro, publicado em 1888, em Boston e que seu autor, John D. Billings, denominou "Bolachas e Café — ou — História não escrita da vida de soldado" ("Hardtack and Coffee — or The Unwritten Story of Army Life").

Ao narrar as suas reminiscências num estilo vivo, embora por vezes um pouco prolixo, está o autor a todo momento contando coisas interessantes sobre o café em campanha. E as suas observações readquiriram, no momento presente, a mesma atualidade dos tempos em que foram escritas. De um típico racionamento de café faz este relato pitoresco :

"Na minha descrição sobre rações, dei ao pão primazia por julgá-lo de importância capital para o soldado. Veteranos haverá, e em não pequeno número, que talvez protestem contra essa primazia e afirmem caber ao "café" — ao qual me referirei mais adiante — esta prerrogativa. Mas neste particular dir-lhes-ei que não tem razão pois sendo o café apenas um estimulante, seus efeitos, embora maravilhosos, são transitórios, ao passo que o pão possue quasi todos, si não mesmo todos os elementos de nutrição necessários à reconstituição das células do organismo humano. Quaisquer que tenham sido as críticas e reclamações sobre as demais rações fornecidas pelo governo, em se tratando do café todos eram acordes numa aprovação irrestrita.

As rações deste artigo que nos eram abonadas podem ter sido minguadas, mas o que recebíamos era de boa qualidade. E quantas vezes não se nos afigurou um verdadeiro maná ! Quantas vezes, extenuado por uma noite de marcha, não me foi dado, terminadas as minhas abluções — quando se deparava água para tanto — preparar o meu meio litro de café e, depois de o ter ingerido, sentir-me retemperado como após uma noite bem dormida. Em tais casos, o café era único ! E desta opinião compartilhavam milhares e milhares de soldados.

Um civil acharia graça em presenciar a maneira de distribuir estas rações durante as atividades de campanha. O café era geralmente trazido num saco de algodão ao acampamento onde o quartel-mestre recebia a quota que tocava às suas dez companhias, cabendo ao sargento em serviço a distribuição das rações individuais.

Um dos modos de se proceder a esta distribuição consistia em estender no chão um encerado — ou mais de um si a companhia era numerosa — sobre o qual ia-se fazendo tantos montinhos de pó de café quantos eram as unidades da compa-

nhia. O cuidado para que os montinhos fossem todos do mesmo tamanho, evitando que os soldados se pusessem a resmungar, lembrava o de um médico de roça a manipular as suas drogas, tirando um pouco de um monte, acrescentando em outro. Sobre um outro encerado o açucar, que invariavelmente acompanhava o café, era submetido a igual processo. Quando os montículos alvos e escuros estavam prontos nos respectivos encerados, cada homem se aproximava e levava o seu quinhão. Em algumas companhias, para que não se registassem queixas sobre injustiça de qualquer espécie, o sargento, de costas voltadas para os encerados, tinha em mão a lista de chamada de sua companhia. Um dos soldados então, adrede indicado, apontava para um dos montículos e perguntava : "De quem é este ?" a que o sargento, sem se voltar, dizia um dos nomes constante de sua lista e o soldado chamado comparecia para retirar a sua quota. E assim prosseguiam até que o último montículo se fosse.

É digno de reparo o modo pelo qual as porções de café e açucar eram guardadas depois de recebidas. Para esse fim, todo soldado dispunha de um saco de pano qualquer, e a "apparência" deste saco era um índice seguro do tempo de permanência do seu possuidor, no exército".

Prosseguindo relata o autor ser o leite, em geral, artigo quasi inexistente. Os veteranos, entretanto, fazendo da necessidade uma lei, valiam-se de toda vaca desgarrada que era imediatamente ordenhada diretamente nas cantinas e o café com leite assim obtido, saboreado por todos. Proezas de tal naipe eram realizaveis sobretudo nos primeiros tempos da campanha.

O café preparado pelo cozinheiro do acampamento era sempre inferior ao preparado, individualmente, pelos soldados. Estes, quando entregues a seus próprios recursos, experimentaram muitas vicissitudes até atinar com o apetrecho que mais se prestaria a uma improvisada cafeteira. Depois de muitos dedos sapecados e muito café entornado, chegaram à conclusão de que o melhor jeito era passar uma improvisada alça de arame em seus canecões de alumínio e manter os mesmos sobre o lume, presos a estacas fincadas no chão.

"Como todo bom amigo, é sobretudo nas horas dificeis que o café conforta o soldado. Quando por demais esfalfado, ou com os pés em petição de miséria, ele, por vezes, desligava-se da coluna em marcha, acendia seu fogo, preparava seu café e após um breve cochilo no primeiro abrigo que se lhe deparava, ia, às pressas, ao encalço de seus companheiros."

Descreve em seguida o autor um acampamento à noite, com as inúmeras luzezinhas pontilhando a escuridão. "Os soldados tinham por norma invariável preparar o seu café em primeiro lugar. Muitos deles, exhaustos pelos trabalhos do dia, contentavam-se com uma consoada de café e bolachas de rancho, enrolando-se, em seguida, nos cobertores para dormir. Si uma marcha era ordenada durante a a noite, a menos que se tratasse de um imprevisto, era ela sempre precedida de um canecão de café. Nas altas, quer no período da manhã, quer no da tarde, a mesma bebida era servida, desta vez com as clássicas bolachas de rancho. Serviam café nas refeições e entre as refeições ; tomavam-no os soldados que iam montar guarda durante a noite e os que acabavam seu plantão e, hoje em dia, os velhos reformados são, na sua comarca, os mais valentes bebedores de café, pelo hábito que desta bebida adquiriram durante seu longo tempo de serviço."

PREVISTO UM AUMENTO DE CONSUMO

E agora, voltando aos dias de hoje, tudo leva a crer que os jovens soldados de agora serão tambem os grandes bebedores de café do futuro, tanto mais que esta bebida, preparada com os modernos apetrechos culinários do exército, é ótima e abundante. Os jovens sorteados, uma vez de volta a seus lares, continuarão com o hábito de tomar café adquirido no exército, o que terá forçosamente que se traduzir num sensível aumento do consumo "per capita".

Vejamos agora o que nos dizem os algarismos. Um pesquizador, entendido em estatísticas, chegou à conclusão de que o recrutamento, para um ano de serviço militar, de 400.000 homens, traria, para as vendas de café, um provavel aumento de cerca de 3.950.000 quilos por ano. Si estas estatísticas forem de uma exatidão, embora aproximada, constituem notícias alviçareiras para o comércio de ambas as Américas e para os atribulados paises latino-americanos, produtores de café.

Estes cálculos foram baseados em "Investigações sobre o consumo nacional do café" levadas a cabo, em 1939, pelo Escritório Panamericano de Café e sobre o fato de um dos componentes da ração alimentar diária de cada soldado ser calculado em 60 gramas de pó de café. De acordo com a mesma fonte, a média anual de consumo de café é, para adultos, de pouco mais de 8 quilos "per capita" ou seja 772.000.000 de quilos para todo o país. Com o atual aumento das importações cafeeiras, esta média ao derredor dos 10 quilos. Portanto, si na vida civil, 400.000 homens podem, presumivelmente, consumir 4.340.240 quilos por ano, estes mesmos 400.000 homens podem, como soldados, passar a consumir, anualmente, 8.280.960 quilos ou seja a magnífica média de 20.500 quilos.

Um efetivo de 1.200.000 homens para o exército dos Estados Unidos que, no parecer do Estado Maior é o indicado para a defesa deste hemisfério, viria a significar um aumento anual de cerca de 15.000.000 de quilos nas vendas de café. E com a possibilidade deste exército ser elevado a 4.000.000, como aliás já foi aventado, esta majoração seria de 43.950.000 quilos.

O moderno exército norte-americano será constituido de "sargentos-mecânicos" com a eficiência profissional requerida por forças motorizadas e equipamentos mecânicos. Tendo experiências científicas demonstrado cabalmente ser o tonus muscular e a acuidade mental gerados pela suave estímulo do café, bem como o de ser esta inegualavel bebida um antídoto do cansaço, daí a expressão de "o exército norte americano mover-se a poder de café."

Com uma ração diária de 60 grs. de café, cada soldado é aquinhoado com cinco chícaras por dia ou seja o dobro da quantidade consumida por um civil, cuja média é de cerca de três chícaras diárias, sendo que este consome 50 por cento desta bebida no seu café da manhã.

Recentemente um oficial do Departamento de Guerra fez figurar o café como um dos produtos importados de significação vital para o sucesso militar da América, opinando mesmo que a cessação dos recebimentos de café, decorrente de bloqueio ou qualquer outra causa, teria repercussão nefasta no ânimo da nação, tanto para as forças armadas como para a população civil.

No decorrer deste último verão realizaram-se as manobras militares de maior envergadura jamais verificadas em tempo de paz. Por esta ocasião calcula-se em aproximadamente um milhão de libras pêso o café consumido pelos 230.000 componentes da Guarda Nacional e os 80.000 oficiais e soldados do exército regular. Do valor que, em tais circunstâncias adquire o café para esses homens pode-se ter uma idéia por este folheto de "propaganda" humorística enviado pelo Exército Negro durante um combate simulado, nas vizinhanças de Ogdensburg :

"Aos soldados do Exército Azul.

Já sabeis que estais defrontando uma força superior, não em número mas em capacidade. Muitos dos nossos aviões já estão levantando vôo para arrazar os seus armazens e comunicações. Então . . . adeus café !"

A indústria cafeeira será a última a se ressentir de uma "guerra econômica" nos Estados Unidos.

O SISTEMA DE ABASTECIMENTO DO EXÉRCITO NORTE AMERICANO

Para terminar, vamos sumariamente narrar os métodos eficientes usados hoje em dia pelo exército norteamericano para se abastecer de café em grão e redistribuí-lo, torrado, por todo o território nacional.

O Santos, tipo 4, ou seu equivalente em qualidade é o tipo padrão consumido no exército. Vultosas quantidades são adquiridas, sendo que, numa única transação, foram recentemente comprados 2.300.000 quilos. Com o aumento do efetivo, resultante dos recrutamentos, estas aquisições torna-se-ão mais vultosas e mais frequentes.

Graças à gentileza do Coronel Warden, intendente geral, foi dado a um representante do "The Spice Mill" observar todo o processo de manipulação do café à sua chegada ao enorme armazem geral de Nova York, centro redistribuidor das cinco regiões militares do território leste. Ao atracarem as docas de Brooklyn os vapores com carregamento procedentes da América latina são imediatamente retiradas amostras, torradas em separado em laboratórios para gêneros alimentícios muito bem montados e submetidos à prova de chícara por um provador de suma competência. Si o carregamento corresponde a amostra previamente experimentada, este é aceito para a região militar correspondente.

Ha sempre, em reserva nos armazens ou sobre água, cerca de 22.700 sacas para consumo do exército. Em 1941 estes algarismos serão, com toda a certeza, elevados ao dobro.

(Traduzido do N.º de Novembro de 1942, do "The Spice Mill", de N. York).

Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio

do ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORIA DE PUBLICIDADE AGRÍCOLA

Comunicado N.º 5

CARLOS BORGES SCHMIDT
Redator-Técnico da Diretoria de Publicidade Agrícola

"A CONSERVAÇÃO DAS MÁQUINAS AGRÍCOLAS"

Dos elementos de que teem de lançar mãos os agricultores, para a execução dos trabalhos de sua profissão, destaca-se o maquinário agrícola como um dos mais preciosos auxiliares nas tarefas a realizar. Esses, utilíssimos objetos de trabalhos teem tido, nestes últimos tempos, seus preços altamente elevados, mercê da situação anormal que atravessamos. Não somente aumentaram extraordinariamente os preços das máquinas e das peças acessórias e de substituição, como tambem as dificuldades de importação contribuiram para que umas e outras sejam, muitas vezes, de impossivel aquisição por não existirem a venda.

Se considerarmos que elas, nas culturas onde os seu emprego é indispensavel, por se estragarem total ou parcialmente e não puderem ser reparadas por falta de peças, poderão vir a faltar, deveremos imaginar os transtornos que isso causaria, mormente na ocasião em que todos os nossos recursos e energias são mobilizados no interesse nacional, inclusive o elemento humano, fator número um na defesa da pátria e na produção econômica, impedindo por isso a substituição da máquina pelo homem, o que, aliás, se fosse realizado, redundaria tambem no inconveniente, irremediavel, da elevação do custo de produção.

Por isso, o que temos a fazer, nesta contingência, é procurarmos, da melhor forma possivel e de maneira mais adequada, cuidar das nossas máquinas agrícolas, de forma a garantirmos não somente a conservação prolongada da sua eficiência como tambem a da sua durabilidade em serviço.

Para tal, quatro cuidados são indispensaveis. O primeiro é o que concerne à precaução em traze-las sempre bem reguladas, conservando suas partes componentes bem ajustadas, apertando cuidadosa e frequentemente todos os parafusos, sucetiveis ou não de desandarem durante o serviço. É indispensavel, para isso, que tenha sempre consigo, o trabalhador que lida com elas, as chaves, inglesa ou fixas, necessárias. Não é dificil que, antes de iniciar, ou terminado o trabalho, ou mesmo na ocasião do descanço prolongado do meio-dia, se passe uma revista geral, pondo em ordem tudo quanto não estiver em condições.

Com máquinas que possuam peças giratórias, como os arados de disco ou os de rodas dianteiras, as grades de disco, as semeadeiras e adubadeiras, os cultivadores montados e outras, é indispensável a cautela em traze-las sempre bem lubrificadas, para que não haja desgaste desnecessário, o que, não só redundaria num

serviço irregular como também no fato de, em tempo limitado, tornarem-se imprestaveis. É mais facil obter um lubrificante, embora tambem escasseie no momento — porque para isso existe o recurso de, no próprio sítio, ser preparado o azeite da manona — do que se obter ou reparar uma peça desgastada, cujo material pode mesmo não ser encontrado em parte alguma. Este é o segundo cuidado.

As máquinas mais delicadas, é de conveniência que sejam abrigadas, terminando o trabalho, mormente se ele não tiver que prosseguir na manhã seguinte. Nem sempre, pela distância em que estão trabalhando, podem ser trazidas para os seus galpões, onde habitualmente permanecem nas épocas de desuso.

Seria conveniente, então, que se construisse um rancho barato, coberto de palha, no próprio local de trabalho, para que aí se abrigassem nas ocasiões necessárias.

Isto não só daria a sensação de que estavam de fato sendo cuidadas como tambem estariam protegidas contra a chuva e o sol. O terceiro cuidado assim seria assegurado.

Por último, a questão da pintura. Protegendo a madeira e o ferro contra a deterioração e a ferrugem, a pintura, feita todas as vezes em que a máquina, terminado o seu trabalho anual, volta ao galpão, onde deverá aguardar, por alguns meses, o reinício das atividades, garante uma maior e melhor conservação do seu material como permite prolongar a sua vida e aumentar os lucros que com ela podem ser obtidos.

O MERCADO DE CAFÉ NO MÊS DE FEVEREIRO

Por ANDRÉAS CINTRA

SITUAÇÃO GERAL

O mês de fevereiro ainda não conseguiu trazer uma modificação apreciavel no mercado de café. Registrou-se, por momentos, principalmente no fim da segunda década do mês, uma maior atividade de embarques devido à presença de navios com praça para café, no porto.

O ambiente geral continua inalterado, sendo que a atividade dos exportadores é muito limitada, reduzindo-se a compras de pequenos lotes de cafés médios ou bons, destinados a completarem pilhas de embarque. A maior exportação verificada no mês não repercutiu na situação dos preços. Pelo contrário. Os exportadores, comprando na mesma base, teem estado mais exigentes, o que corresponde, na prática, a uma redução de preços. Perdura ainda o desinteresse pelos cafés finos, que não teem praticamente ágio sobre as qualidades médias, e o completo desinteresse pelos riados ou de gosto Rio, que são dificeis de colocar pela ausência de compradores para estas qualidades. Verifica-se, por outro lado, que os cafés da safra presente não são de boa bebida, o que facilita a colocação dos da safra passada, cuja aplicação para as qualidades médias é mais facil.

O único elemento que poderia dar vida ao mercado seria a execução do Acordo de Vendas. O motivo que não permitiu o início das compras da CCC, cujo escritório já está instalado, são certos detalhes que estão sendo agora discutidos no Rio e que deverão estar ultimados até fins de março quando, provavelmente, terão início as mencionadas compras.

Pelos motivos acima expostos, o fundo do mercado permanece fraco, não tendo o aumento de exportação durante fevereiro sido capaz de consolidá-lo.

Nota-se uma queda apreciavel nos preços, principalmente nas qualidades finas quando comparados com os do mesmo período do ano passado.

Nos Estados Unidos a situação dos estoques, decorrente das dificuldades de transporte, tornou-se precária. As últimas estatísticas dão esse estoque como sendo de cêrca de 1.100.000 sacas em 31 de janeiro de 1943, comparado com . . . 6.550.000 sacas em 1.° de julho de 1942. A cifra referente ao estoque de janeiro de 1943 não inclue os cafés pertencentes às forças armadas e, normalmente, seria insuficiente para um consumo de 30 dias.

As dificuldades de transporte modificaram a situação dos paises fornecedores. A Colômbia é hoje o produtor que, percentualmente, mais fornece aos Estados Unidos. O lugar do Brasil, tambem percentualmente, é o 13.°. Esta situação, segundo algumas fontes oficiais, deverá se modificar dentro em breve em proveito do Brasil. A escassez de café nos Estados Unidos poderá provovar um forte surto de sucedâneos ou adulterantes, ficando assim prejudicados os paises produtores. A preocupação dos círculos cafeeiros nos Estados Unidos está, pois, hoje, concentrada em manter de qualquer forma o comércio de café afim de que, no futuro, o seu consumo não venha a ser prejudicado.

No Interior o desinteresse pelas compras parece ter aumentado. A quantidade em poder dos produtores deve ser mínima, sendo que grande parte da safra já passou para mãos de terceiros. Os elementos de que dispomos fazem concluir que, mesmo que as compras americanas se avolumem na praça de Santos — elas serão feitas aos exportadores — os preços no Interior, nesta safra, não serão beneficiados.

A escassez de braços no Interior começa-se a fazer sentir. Pelas informações que recebemos de diversas zonas, o salário está subindo, o que permite acreditar que o custo de produção será elevado.

As chuvas registradas durante o mês melhoraram as plantações que, segundo informações, estão com ótimo aspecto. O volume da próxima safra deverá, segundo cremos, ultrapassar 8.000.000 de sacas.

EM NOVA YORK

Como dissemos, a situação dos estoques não é satisfatória. Este fato obrigou a aumentar, em cerca de 12%, para o primeiro semestre deste ano, a quota de entrada para alguns paises, cuja situação permite entregas.

Parece, segundo notícias dos Estados, que a Junta de Economia Bélica (Board of Economic Warfare) está pondo certas restrições às compras de café nos paises produtores, levando em conta o fato de poder ficar com grandes estoques depois da guerra, cuja disposição poderá crear embaraços.

Outro motivo que se alega nos Estados Unidos para a atual situação dos estoques, é a retenção de café nos armazens alfandegados por tempo excessivo por parte do comércio e o não aproveitamento integral das licenças de importação ou aproveitamento da praça disponivel para café nos navios que demandam os portos note-americanos.

Os preços de café torrado deverão brevemente sofrer novo aumento nos Estados Unidos.

Foi necessário reduzir a ração de café das forças armadas em cerca de 1/3. Canadá esta redução foi de 25% e incluiu o chá.

MERCADO

Disponivel — Os preços normais foram mantidos até o período final do mês. Observa-se, porem, maior dificuldade em aplicar os cafés oferecidos. Os exportadores escolhiam mais, tornaram-se mais exigentes. Durante o período de atividade, já mencionado, houve ligeira melhoria que, não conseguiu se manter.

Os cafés da presente safra estão desvalorizados devido à sua má qualidade.

Entregas Diretas — Os mesmos fatores que atuaram sobre o disponivel tambem se fizeram sentir no mercado de entregas diretas. Registra-se, assim, uma ligeira flexão nas cotações finais de fevereiro em relação às finais de janeiro. O mês presente, porem, apresentou ligeira alta na sua última cotação. Março foi cotado destacado pela primeira vez na mesma base de fevereiro.

Vendas — As vendas foram inferiores às registradas em janeiro em cerca de 35%.

MOVIMENTO

Disponivel — As vendas no disponivel foram bastante superiores (ca. 41%) às registradas no mês anterior devido a presença de navios no porto. Entretanto, o movimento não foi regular durante o mês, pois, tanto na primeira década como na última semana houve decréscimo de atividade. No que diz respeito ao movimento da safra nota-se uma redução de cerca de 16% a menos sobre a anterior.

Entradas — As entradas corresponderam à maior atividade de exportação, tendo ficado cerca de 19% acima das de janeiro último. Comparando-se o mês de fevereiro de 1943 com 1942, registra-se uma diminuição de cerca de 62% contra o ano corrente. No conjunto da safra, a atual ficou cerca de 33% aquem da anterior.

Despachos — Com a presença de navios no porto com praça para café, o movimento de despachos foi sensivelmente superior ao registrado em janeiro último, ficando cerca de 203% acima. Fazendo-se a comparação de fevereiro de 1943 com o mesmo período de 1942 registra-se um saldo favoravel a valor de 1943, que não chega a atingir 2% a mais. No conjunto da safra o resultado geral é negativo em cerca de 40% quando comparado com a safra passada.

Embarques — Os embarques, pelos motivos já citados, tambem foram satisfatórios. Uma informação que demos em meados do mês de que provavelmente as exportações atingiriam a cerca de 600.000 sacas foi quase confirmada, tendo a exportação somado cerca de 560.000 sacas, ou cerca de 113% acima da de janeiro passado. Comparando-se fevereiro de 1943 com o mesmo período de 1942, verifica-se haver um ligeiro aumento a favor de 1943, que não chega a atingir 2%. Em relação ao conjunto da safra registra um decréscimo de cerca de 40% contra a deste ano.

Existência — A existência pouco oscilou. Ao terminar o período era cerca de 17% inferior à de 30 de janeiro.

ESTATÍSTICAS

VENDAS — DISPONIVEL

FEVEREIRO	JANEIRO	DESDE 1.° DE JULHO 1942	DESDE 1.° DE JULHO 1941
316 770	225 317	1 681 741	1 998 511
mais 91 453		menos 316 770	
40.59%		15.85%	

ENTRADAS

FEVEREIRO	JANEIRO	DO MÊS 1943	DO MÊS 1942	DA SAFRA 1942	DA SAFRA 1941
299 288	251 769	299 288	787 734	2 538 522	3 800 227
mais 47 519		menos 488 446		menos 1 261 705	
18.87%		62.01%		33.20%	

DESPACHOS

FEVEREIRO	JANEIRO	DO MÊS 1943	DO MÊS 1942	DA SAFRA 1942	DA SAFRA 1941
537 888	177 246	537 888	576 592	2 454 803	4 215 329
mais 360 642		menos 38 704		menos 1 760 526	
203.47%		6.71%		41.76%	

EMBARQUES

FEVEREIRO	JANEIRO	DO MÊS 1943	DO MÊS 1942	DA SAFRA 1942	DA SAFRA 1941
558 977	262 667	558 977	552 574	2 476 695	4 099 081
mais 296 310		mais 6 403		menos 1 622 386	
112.81%		1.16%		39.58%	

EXISTÊNCIA

27 FEVEREIRO	30 JANEIRO	1943	1942
1 311 653	1 584 738	1 311 653	1 643 680
menos 273 085		menos 332 027	
17.23%		20.20%	

SANTOS — DISPONIVEL

	27 FEVEREIRO	30 JANEIRO
Bourbons genuinos	Nom.	Nom.
American Coffee	42,00	42,00
Moles, tipo 4	41,50–42,00	41,50
Duros, tipo 4	40,50–41,00	40,00–40,50
Rio, tipo 4	39,00	39,00

BASES OFICIAIS

Nominais durante todo o mês.

ENTREGAS DIRETAS-COTAÇÕES

27 FEV.°		30 JAN.°
42,00 (x)	Fevereiro	41,70
42,00 (xx)	Março	—
41,00	Março-Junho	41,70
41,40	Julho-Dezembro	41,60
41,10	Janeiro-Junho 44	41,30

(x) — Última cotação. (xx) — 1.ª cotação.

VENDAS

FEVEREIRO	JANEIRO
132 250	201 750
menos 69 500	
34.45%	

RIO DE JANEIRO

27 FEVEREIRO	30 JANEIRO
26,20	26,80

VITORIA

27 FEVEREIRO	30 JANEIRO
23,90	25,40

Estatística

COMUNICAMOS AOS NOSSOS LEITORES QUE POR MOTIVOS DE ORDEM SUPERIOR SOMOS FORÇADOS A SUSPENDER, ATÉ ULTERIOR RESOLUÇÃO, A PUBLICIDADE DE CIFRAS RELATIVAS AO MOVIMENTO DE CAFÉS NOS PORTOS DE RIO DE JANEIRO, VITORIA E BAÍA.

Café Paulista recebido a despacho com destino a Santos

Safra 1942/43

ESTRADAS	ATÉ 31 DE JANEIRO			1.ª QUINZ. DE FEVEREIRO			2.ª QUINZ. DE FEVEREIRO			TOTAL		
	EQUILÍBRIO D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL	EQUILÍBRIO D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL	EQUILÍBRIO D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL	EQUILÍBRIO D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL
São Paulo Railway	5.664	698.512	704.176	404	54.471	54.875	359	24.848	25.207	6.427	777.831	784.258
E. F. Sorocabana	79.204	654.521	733.725	9.316	77.258	86.574	8.057	54.576	62.633	96.577	786.355	882.932
Cia. Paulista..............	76.321	1.215.990	1.292.311	4.114	94.327	98.441	4.089	72.837	76.926	84.524	1.383.154	1.467.678
Cia. Mogiana	26.782	501.026	527.808	3.233	74.130	77.363	3.171	46.586	49.757	33.186	621.742	654.928
E. F. Araraquara	24.494	737.453	761.947	4.799	95.742	100.541	2.526	57.948	60.474	31.819	891.143	922.962
E. F. Dourado	10.028	114.489	124.517	1.240	14.232	15.472	498	4.250	4.748	11.766	132.971	144.737
E. F. S. Paulo-Goiás	14.775	199.404	214.179	275	7.127	7.402	668	11.137	11.805	15.718	217.668	233.386
Cia. M. Monte Alto........	1.106	10.614	11.720	15	135	150	223	990	1.213	1.344	11.739	13.083
E. F. Noroeste do Brasil ..	112.011	813.396	925.407	7.375	62.871	70.246	9.792	58.341	68.133	129.178	934.608	1.063.786
E. F. Itatibense...........	—	—	—	132	1.184	1.316	—	—	—	132	1.184	1.316
Cia. Campineira...........	28	282	310	—	—	—	15	632	647	43	914	957
E. F. S. Paulo e Minas ...	239	23.411	23.650	—	1.840	1.840	—	—	—	239	25.251	25.490
E. F. Jaboticabal	—	2.097	2.097	—	—	—	—	—	—	—	2.097	2.097
E. F. Barra Bonita	207	1.373	1.580	47	423	470	—	—	—	254	1.796	2.050
E. F. Morro Agudo	—	400	400	—	3.420	3.420	—	3.210	3.210	—	7.030	7.030
E. F. Central do Brasil....	30	270	300	—	—	—	—	—	—	30	270	300
Total	**350.889**	**4.973.238**	**5.324.127**	**30.950**	**487.160**	**518.110**	**29.398**	**335.355**	**364.753**	**411.237**	**5.795.753**	**6.206.990**

NOTA: Alem dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fóra de Série", 102.759 scs. de 1.º julho a 30 de novembro de 1942
De 1.º de junho a 30 de novembro de 1942 foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Res. 467).

Café Paulista recebido a despacho com destino ao Rio de Janeiro

SAFRA 1942/43

ESTRADAS	QUOTAS DE MERCADO				TOTAL GERAL
	ATÉ 31 DE JANEIRO	1.ª QUINZENA DE FEVEREIRO	2.ª QUINZENA DE FEVEREIRO	TOTAL	
São Paulo Railway	—	904	900	1.804	1.804
E. F. Sorocabana	3.570	—	3.275	3.275	6.845
Cia. Paulista	29.605	4.735	10.616	15.351	44.956
Cia. Mogiana	62.801	3.169	4.913	8.082	70.883
E. F. Araraquara	27.633	1.431	5.626	7.057	34.690
E. F. Dourado	1.995	—	—	—	1.995
E. F. S. Paulo Goiás	23.818	1.503	3.705	5.208	29.026
E. F. Noroeste do Brasil .	4.950	—	900	900	5.850
E. F. Central do Brasil ...	63.050	8.793	522	9.315	72.365
Total	**217.422**	**20.535**	**30.457**	**50.992**	**268.414**

NOTA: Alem dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fóra de Série" 4685 sacas de 1.º de julho a 30 de novembro de 1942.

Café Paulista recebido a despacho com destino a Angra dos Reis

SAFRA 1942/43

ESTRADAS	QUOTAS DE MERCADO				TOTAL GERAL
	ATÉ 31 DE JANEIRO	1.ª QUINZENA DE FEVEREIRO	2.ª QUINZENA DE FEVEREIRO	TOTAL	
Cia. Paulista	402	—	—	—	4.021
Cia. Mogiana	18.517	659	464	1.123	19.640
Total	**22.538**	**659**	**464**	**1.123**	**23.661**

NOTA: Do mês de julho a 30 de novembro foram despachadas 923 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Res. 467)

Movimento da Safra 1941/42

Destino Santos — Sacas de 60 quilos

(ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1943)

SÉRIES	DESPACHADAS	CONVERTIDAS	DIRÉTA ESPECIAL	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
1-D-41	77.198	—	102.355	179.553	179.553	—	—
2-D-41	96.329	—	576.365	672.694	672.694	—	—
3-D-41	65.657	—	434.635	500.292	500.292	—	—
4-D-41	77.854	—	237.036	413.890	294.816	—	20.074
5-D-41	56.730	—	128.867	185.597	3.019	—	182.578
6-D-41	69.012	—	102.088	171.100	—	—	171.100
7-D-41	39.610	—	37.568	77.178	—	—	77.178
8-D-41	50.041	—	34.060	84.101	—	399	83.702
9-D-41	41.199	—	69.396	110.595	—	309	110.286
10-D-41	46.890	—	52.964	99.854	—	420	99.434
11-D-41	17.211	—	4.341	21.552	—	—	21.552
12-D-41	21.451	—	21.540	42.991	—	—	42.991
13-D-41	13.350	—	14.786	28.136	—	182	27.654
14-D-41	12.652	—	3.128	15.780	—	—	15.780
15-D-41	8.725	—	14.653	23.378	—	—	23.378
16-D-41	22.397	—	11.091	33.488	—	—	33.488
Total	**716.306**	**—**	**1.844.873**	**2.651.179**	**1.650.374**	**1.310**	**909.495**
16-R-41	89.800	5.474	—	95.274	—	—	95.274
15-R-41	111.963	5.062	—	117.025	—	—	117.025
14-R-41	76.261	1.228	—	77.489	—	—	77.489
13-R-41	90.246	3.059	—	93.305	—	—	93.305
12-R-41	65.711	647	—	66.358	—	—	66.358
11-R-41	79.682	1.768	—	81.450	55	—	81.395
10-R-41	45.790	1.889	—	47.679	—	—	47.679
9-R-41	57.768	860	—	58.628	—	460	58.168
8-R-41	47.725	1.009	—	48.734	—	358	48.376
7-R-41	54.331	443	—	54.774	—	140	54.634
6-R-41	19.909	301	—	20.210	—	—	20.210
5-R-41	24.776	887	—	25.663	—	—	25.663
4-R-41	15.440	1.492	—	16.932	—	212	16.720
3-R-41	14.622	99	—	14.721	—	—	14.721
2-R-41	10.079	340	—	10.419	—	—	10.419
1-R-41	25.418	39	—	25.457	—	—	25.457
Total	**829.521**	**24.597**	**—**	**854.118**	**55**	**1.170**	**852.893**
Pref.-41	2.369.467	252.291	—	2.621.758	2.069.858	1.740	550.160
Pref. Esp.	40.447	—	—	40.447	39.313	—	1.134
Despolpado	39.533	—	—	39.533	39.533	—	—
Total	**3.995.274**	**276.888**	**1.844.873**	**6.117.035**	**3.799.133**	**4.220**	**2.313.682**

Movimento da Safra 1942/43

Destino Santos — Sacas de 60 quilos

(ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1943)

SÉRIES	DESPACHADAS	CONVERTIDAS	TOTAL	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-42	114.626	—	114.626	108.531	6.095
2-D-42	1.568.742	—	1.568.742	67.452	1.501.290
3-D-42	632.738	—	632.738	—	632.738
4-D-42	404.403	—	404.403	—	404.403
5-D-42	259.160	—	259.160	—	259.160
6-D-42	179.835	—	179.835	—	179.835
Total	**2.159.504**	—	**3.159.504**	**175.983**	**2. 983.521**
10-R-42	91.701	1.841	93.542	—	93.542
9-R-42	1.254.998	8.757	1.263.755	—	1.263.755
8-R-42	506.192	546	506.738	—	506.738
7-R-42	323.503	220	323.723	—	323.723
6-R-42	207.331	—	207.331	—	207.331
5-R-42	143.867	—	143.867	—	143.867
Total	**2.527.591**	**11.364**	**2.538.965**	—	**2.538.956**
Pref. Despolpado	35.897	—	35.897	33.535	2.362
Total geral	**5.722.993**	**11.364**	**5.734.357**	**209.518**	**5.524.839**

NOTA: — Do mês de junho a 30 de novembro foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Resolução 467).

ARMAZENS RECEBEDORES

SAFRA 1942/43

ARMAZENS	ATÉ 31 DE JANEIRO	1.ª QUINZENA DE FEVEREIRO	2.ª QUINZENA DE FEVEREIRO	TOTAL
Baurú 2	4.027	979	67	5.073
Biriguí	12.952	1.478	1.149	15.579
Catanduva	15.421	1.697	1.179	18.297
Chavantes — 2	8.214	259	1.061	9.534
Garça — 1	10.859	2.384	2.692	15.935
Garça — 3	19.811	—	—	19.811
Guarantan — 1	5.305	919	824	7.048
Guarantan — 2	7.004	—	—	7.004
Ipiranga — 3	2.115	5	230	2.350
Itápolis	3.979	300	388	4.667
Jaú — 2	12.757	1.669	1.787	16.213
Marília	12.031	126	633	12.790
Mirassol	17.512	868	1.649	20.029
Olímpia — 1	10.605	621	163	11.389
Presidente Prudente	8.836	714	56	9.606
Promissão — 1	13.246	1.426	327	14.999
Rio Preto — 1	17.055	1.934	1.089	20.078
Vera Cruz	12.502	1.487	312	14.301
Total	**194.231**	**16.866**	**13.606**	**224.703**

Café Paulista entrado em Santos

Safra por Estrada de procedência

FEVEREIRO DE 1943

ESTRADA DE FERRO	1940/41	1941/42	1942/43	Total
São Paulo Railway	—	24.778	12.890	37.668
Sorocabana	—	7.569	36.812	44.381
Paulista	—	21.625	15.360	36.985
Mogiana	—	26.133	19.545	45.678
Araraquara	—	11.674	4.900	16.574
Dourado	—	870	7.632	8.502
São Paulo-Goiás	—	6.707	9.959	16.666
Monte Alto	—	4	—	4
Noroeste do Brasil	150	23.185	23.465	46.800
Campineira	—	—	30	30
Total	150	122.545	130.593	253.288

Resumo do Café entrado em Santos

FEVEREIRO DE 1943

SAFRA	JULHO E JANEIRO	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL DO MÊS	TOTAL GERAL
1938/39	150	—	—	—	—	—	150
1939/40	3.355	—	500	—	—	500	3.855
1940/41	162.487	150	15.606	—	4.455	20.211	182.698
1941/42	1.938.724	122.545	6.158	—	4.502	133.205	2.071.929
1942/43	134.538	130.593	188	11.379	3.212	145.372	279.910
Total	2.239.254	253.288	22.452	11.379	12.379	299.288	2.538.542
Mesmo período ano anterior	3.017.567	712.948	59.563	5.543	9.680	787.734	3.805.301

CAFE' PAULISTA (Preferencial) ENTRADO EM SANTOS

FEVEREIRO DE 1943

Mês do Despacho por Estrada de Procedência

ESTRADAS DE FERRO	AGOSTO 1941	SETEMBRO 1941	OUTUBRO 1941	NOVEMBRO 1941	NOVEMBRO 1942	DEZEMBRO 1942	JANEIRO 1943	FEVEREIRO 1943	TOTAL
PREFERENCIAL — SAFRA 1941/42									
São Paulo Railway	—	—	—	792	—	—	—	—	792
Sorocabana	—	—	—	1.196	—	—	—	—	1.196
Paulista	36	375	695	14.247	—	—	—	—	15.353
Mogiana	—	—	1.003	21.058	—	—	—	—	22.061
Araraquara	—	—	—	3.689	—	—	—	—	3.689
Dourado	—		—	870	—	—	—	—	870
São Paulo-Goiás	—	—	—	3.387	—	—	—	—	3.387
Noroeste do Brasil	—	—	—	14.910	—	—	—	—	14.910
Total	36	375	1.698	60.149	—	—	—	—	62.258
PREF. ESPECIAL — SAFRA 1941/42									
Mogiana	—	—	—	403	—	—	—	—	403
Total	—	—	—	403	—	—	—	—	403
PREF. DESP.-SAFRA 1942/43 (Res.467)									
Sorocabana	—	—	—	—	127	2.480	808	—	3.415
Mogiana	—	—	—	—	—	191	296	—	487
Campineira	—	—	—	—	—	—	—	30	30
Total	—	—	—	—	127	2.671	1.104	30	3.932
Total geral	36	375	1.698	60.552	127	2.671	1.104	30	66.593

Café entrado em Santos

FEVEREIRO DE 1943

Safra por Estrada de Procedência

ESTRADAS DE FERRO	MINEIRO					GOIANO	PARANAENSE				TOTAL GERAL
	1939/40	1940/41	1941/42	1942/41	TOTAL	1942/43	1940/41	1941/42	1942/43	TOTAL	
São Paulo Railway	—	168	—	—	168	—	—	—	—	—	168
Sorocabana	—	—	—	—	—	—	551	149	2.150	2.850	2.850
Mogiana	—	14.161	3.890	467	18.518	11.379	—	—	—	—	29.897
Rede Mineira de Viação	500	810	2.268	—	3.578	—	—	—	—	—	3.587
Leopoldina Railway	—	—	—	188	188	—	—	—	—	—	188
São Paulo-Paraná	—	—	—	—	—	—	3.584	4.353	1.062	8.999	8.999
Rede Viação-Paraná St.ª Catarina	—	—	—	—	—	—	320	—	—	320	320
	500	15.139	6.158	655	22.452	11.379	4.455	4.502	3.212	12.169	46.000

Café embarcado pelo Porto de Santos

POR PAISES DE DESTINO

Safra 1942/43

DESTINO	JULHO A JANEIRO	FEVEREIRO	TOTAL DA SAFRA	MESMO PERÍODO SAFRA 1941/42
AMÉRICAS:				
Estados Unidos	1.656.171	566.046	2.222.217	2.924.648
Argentina	57.844	1.880	59.724	38.175
Uruguai	7.300	—	7.300	780
Canadá	600	—	600	1.981
Panamá	—	—	—	1.145
Paraguai	540	—	540	—
Chile	1.250	—	1.250	—
Total das Américas	1.723.705	567.926	2.291.631	3.966.729
EUROPA:				
Portugal	8.446	—	8.446	8.678
Suécia	113.566	—	113.566	52.235
Suiça	53.532	—	53.532	3.110
Espanha	—	—	—	48.602
Total da Europa	175.544	—	175.544	112.625
ÁSIA:				
Japão	—	—	—	132
Total da Ásia	—	—	—	132
ÁFRICA:				
Marrocos	200	—	200	—
Total da África	200	—	200	—
CONSUMO DE BORDO	814	103	917	1.260
Total do Exterior	1.900.263	568.029	2.468.292	4.080.746
CABOTAGEM				
Rio Grande do Sul	5.167	197	5.364	15.227
Rio de Janeiro	1.002	—	1.002	15
Pará	11.250	—	11.250	1.500
Ceará	107	—	107	—
Baía	—	—	—	1
Sergipe	—	—	—	12
Total da Cabotagem	17.526	197	17.723	16.755
Total geral	1.917.789	568.226	2.486.015	4.097.501

Café embarcado pelo porto de Santos

POR EXPORTADORES — Safra 1942/43

EXPORTADORES	JULHO A JANEIRO	FEVEREIRO	TOTAL DA SAFRA
A. Sion & Cia.	755	—	755
Almeida Prado & Cia.	142.199	15.800	157.999
Alves Ribeiro & Cia. Ltda.	11.947	4.158	16.105
American Coffee Corporation	259.453	75.000	334.453
B. Gonçalves & Cia.	22.647	7.052	29.699
Barros Camargo & Cia.	3.570	1.855	5.425
Barros Melo & Cia.	5.891	3.467	9.358
Cooperativa Central Café Paulista	5.550	—	5.550
Caio Guimarães & Cia.	29.552	7.875	37.427
Camargo Pacheco & Cia.	6.000	—	6.000
Cia. Brasileira de Café	33.186	7.050	40.236
Cia. Leme Ferreira Exportação	55.936	14.580	70.516
Soc. Paulista de Exportação Ltda.	73.652	31.130	104.782
Cia. Prado Chaves-Exportação	54.153	9.750	63.903
Casa Exportadora Naumann Gepp Ltda.	111.433	27.721	139.154
E. Johnston & Cia. Ltda.	64.850	35.439	100.289
Exportadora Café Brasil	3.267	3.025	6.292
Ferreira da Silva & Cia.	8.800	4.650	13.450
Franco Soares & Cia.	6.270	350	6.620
G. Fernandes & Cia.	7.720	3.500	11.220
Gabriel de Paula & Cia.	8.119	4.245	12.364
H. La Domus & Cia. Ltda.	174.971	63.245	238.216
Hard Rand & Cia.	114.766	49.560	164.326
Hermann Gaik & Cia.	8.925	1.000	9.925
J. G. Martins & Cia. Ltda.	11.027	2.125	13.152
Junqueira Meireles & Cia.	42.800	7.200	50.000
Lima Nogueira & Cia.	55.147	13.572	68.719
Luiz Ferreira & Cia.	21.425	4.125	25.550
Leite Barreiros & Cia. Ltda.	1.253	250	1.503
Mac. Laughlin & Cia.	1.800	—	1.800
Melão Nogueira & Cia.	27.547	10.285	37.832
M. E. Rowland & Cia.	30.660	6.250	36.910
Melo Mourão & Cia.	3.841	1.000	4.841
Naumann Gepp & Cia. Ltda.	16.843	1.350	18.193
Nioac & Cia. Ltda.	28.400	11.225	39.625
Karnebley Assunção & Cia. Ltda.	10.820	1.686	12.506
Ramos Silva & Cia.	8.539	3.000	11.539
Raphael Sampaio	8.125	675	8.800
Ray Deininger & Cia.	101.206	59.304	160.510
Sampaio Bueno & Cia.	56.700	8.860	65.560
S/A Levi Comissária e Exp. de Café	15.007	7.300	22.307
S/A Marques Ferreira	674	—	674

(Continua)

(Continuação)

EXPORTADORES	JULHO A JANEIRO	FEVEREIRO	TOTAL DA SAFRA
Soc. Mogiana Exportadora Ltda.	23.954	3.125	27.079
Soc. Nac. Exportadora Ltda.	31.489	5.283	36.772
Soc. Eduardo Nioac Ltda.	21.467	4.800	26.267
Leon Israel Ag. e Exp. S/A	97.356	34.685	132.041
S/A Rebelo Alves	3.475	250	3.725
S/A Francisco Botti	18.644	1.246	19.890
Silveira Freire & Cia.	250	—	250
Soc. Assunção Ltda.	5.825	3.875	9.700
Vidigal Prado	28.253	3.524	31.777
Cia. Comercial de Café	409	—	409
Cooperativa dos Cafeicultores Paulistas	1.690	—	1.690
Paiva & Cia.	1.000	—	1.000
Coop. Central Bananic Paulista	250	—	250
Gustaf Veidel	51	—	51
I.R.F. Matarazzo	2	—	2
J.M. Hafers & Cia. Ltda.	3.723	1.625	5.348
J. Karnebley & Cia.	330	—	330
Raul Suplicy de Lacerda & Cia.	250	—	250
Thorton & Cia.	2	1	3
Vidal & Cia.	850	—	850
Volkart Irmãos & Cia.	1.653	—	1.653
Fed. Paulista das Coop. de Café	200	—	200
A. Prado & Cia.	1.406	350	1.756
Ramos Silva & Cia.	125	—	125
Diversos	2.148	106	2.254
D.N.C.	35	—	35
A. Gaih & Cia.	—	250	250
Camargo Viana & Cia.	—	250	250
Total do Exterior	1.900.263	568.029	2.468.292
CABOTAGEM			
Barros Camargo & Cia.	675	35	710
José Soares & Cia.	226	—	226
Sampaio Bueno & Cia.	1.267	—	1.267
Ciofi Guerra & Cia.	800	—	800
Casa Exportadora Naumann Gepp Ltda.	1.000	—	1.000
G.C. Silveira & Cia. Ltda.	89	—	89
J.S. Marino	579	—	579
Departamento Nacional do Café	10.030	—	10.030
Superintendência dos Serviços do Café	2.700	—	2.700
Luiz Mecozzi	1	—	1
João de A. Corrêa	107	—	107
Soc. Nacional Export. Ltda.	2	—	2
Ford Motor Company	50	—	50
Diversos	—	162	162
Total da Cabotagem	17.526	197	17.723
Total geral	1.917.789	568.226	2.486.015

MOVIMENTO DE CAFE

MESES	ENTRADAS					
	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL	PARA O DNC.
Julho	155.401	19.477	1.324	9.920	186.122	—
Agosto	141.535	12.280	1.195	3.756	158.766	7.740
Setembro	473.139	35.920	2.528	14.084	525.671	24.817
Outubro	461.648	66.120	2.132	11.123	541.023	10.182
Novembro	258.343	14.784	—	12.119	285.246	—
Dezembro	224.355	12.178	—	11.385	247.918	—
Janeiro	207.044	34.442	—	10.283	251.769	—
Fevereiro	253.288	22.452	11.379	12.169	299.288	—
Total	**2.174.753**	**217.653**	**18.558**	**84.839**	**2.495.803**	**42.739**

EM SANTOS - SAFRA 1942/43

L GERAL	DESPACHOS	EMBARQUES	Revertido ao estoque pelo DNC.	De troca retirado do estoque pelo DNC.	De troca revertido ao estoque pelo DNC.	Retirado do estoque pelo DNC.	Retirado do estoque pelo DNC. Serviço de propaganda	EXISTÊNCIA
86.122	354.776	294.775	30.640	10.034	—	—	—	1.137.748
66.506	163.128	123.897	4.365	5.207	—	—	—	1.179.515
50.488	315.069	383.661	18.368	1.545	3.201	—	—	1.366.366
51.205	471.112	513.579	29.363	500	13.142	8.296	42.739	1.394.962
85.246	158.176	136.447	784	—	—	4.171	—	1.540.374
47.918	287.415	202.696	8.445	—	—	4.270	—	1.589.771
51.769	177.246	262.667	12.700	—	—	6.835	—	1.584.738
99.288	546.888	568.126	9.557	—	600	14.404	—	1.311.653
38.542	2.473.810	2.485.848	114.222	17.286	16.943	37.976	42.739	—

Café embarcado pelo porto de Santos

POR CIAS. DE NAVEGAÇÃO

SAFRA 1942/43

CIAS. DE NAVEGAÇÃO	JULHO A JANEIRO	FEVEREIRO	TOTAL DA SAFRA
Dickinson & Cia.	328.842	15.067	343.909
Ibarra	1.710	—	1.710
Ivaran Line	38.491	—	38.491
Lóide Brasileiro	722.612	82.318	804.930
Mississipi Shipping Co	5.267	—	5.267
Moore Mac. Cormack Line Ins.	439.244	229.235	668.479
Rederiaktiebolaget Nordstjernan	65.262	—	65.262
Soc. Paulista de Naveg. Matarazzo	5.000	—	5.000
Wilhelmsen Steamships Line	38.111	—	38.111
Diversos	451	102	553
Soc. Importadora e Exp. Maura y Coll Ltda.	2	—	2
Sprague Steamship Line	201.806	241.307	443.113
East Coast Line	2.259	—	2.259
Wilson Sons & Cia.	32.228	—	32.228
Haven Line	18.978	—	18.978
Total do Exterior	**1.800.263**	**568.029**	**2.468.292**
CABOTAGEM			
Lóide Brasileiro	14.238	—	14.238
Dickinson & Cia.	215	—	215
Lóide Nacional	2	—	2
C.N.N. Costeira	2.427	162	2.589
Cia. Carbonífera Riograndense	500	—	500
S/A Martinelli	144	—	144
Lóide Nacional	—	35	35
Total da Cabotagem	**17.526**	**197**	**17.723**
Total geral	**1.917.789**	**568.226**	**2.486.015**

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro

FEVEREIRO DE 1943

SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

ESTRADA DE FERRO	1941/42	1942/43	TOTAL
São Paulo Railway	—	254	254
Paulista	880	9.210	10.090
Mogiana	94	10.069	10.163
Araraquara	—	10.066	10.066
São Paulo-Goiás	—	7.521	7.521
Noroeste do Brasil	—	2.135	2.135
Central do Brasil	—	8.950	8.950
Total	974	48.205	49.179

Resumo do Café entrado no Rio de Janeiro

FEVEREIRO DE 1943

POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	DE JULHO E JANEIRO	MÊS DE FEVEREIRO	TOTAL
São Paulo	206.326	49.127	255.453
Minas Gerais	507.831	92.615	600.446
Rio de Janeiro	149.780	35.343	185.123
Espírito Santo	194.223	44.865	239.088
Total	1.058.160	221.950	1.280.110

Cotações do disponivel em Nova York

CIF. em Cents por Libra = 453,6 grs.

MÊS DE FEVEREIRO 1943

PROCEDÊNCIA	DIAS			
	5	19	26	MÉDIA
Brasil :				
Santos, tipo 4	13.37,5	13.37,5	13.37,5	13.37,5
Rio, tipo 7	9.37,5	9.37,5	9.37,5	9.37,5
Colômbia :				
Medelin	16 1/4	16 1/4	16 1/4	16 1/4
Armênia	16 1/16	16 1/16	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 7/8	15 7/8	15 7/8	15 7/8
Girardot	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Cucuta	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Bogotás (Honda, Tolima e Girardot)	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Ocana	15 1/4	15 1/4	15 1/4	15 1/4
Costa rica :				
Prime	16.00	16.00	16.00	16.00
Fino Atlantic	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
Cuba :				
Bom Lavado	14 1/4	14 1/4	14 1/4	14 1/4
São domingos :				
Bom Lav.	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4
Lavado	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Surinam	7 3/4	7 3/4	7 3/4	7 3/4
Trinidad	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Equador :				
Lavado	13 1/4	13 1/4	13 1/4	13 1/4
Salvador :				
Lavado, fino	15 3/4	15 3/4	15 3/4	15 3/4
Guatemala :				
Antigua	16 3/4	16 3/4	16 3/4	16 3/4
Bourbon	14 1/8	14 1/8	14 1/8	14 1/8
Lavado, bom	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Maragogipe	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
Extra prime	15 3/4	15 3/4	15 3/4	15 3/4
Haití :				
Lavado	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4
Hawai :				
N.º 1 Extra prime	16 1/2	16 1/2	16 1/2	16 1/2

(Continua)

(Continuação)

PROCEDÊNCIA	DIAS			
	5	19	26	MÉDIA
MÉXICO:				
Coatepec, lavado	16 1/2	16 1/2	16 1/2	16 1/2
Maragogipe	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
Tapachula, lavado	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
NICARÁGUA:				
Lavado	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Maracaiba Lav. Fino	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
VENEZUELA:				
Tachira, lavado	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Tachira, Bom	15 1/8	15 1/8	15 1/8	15 1/8
Ordinário	14 5/8	14 5/8	14 5/8	14 5/8
ÍNDIAS HOLANDESAS:				
Mandheling	25.00	25.00	25.00	25.00
Java, genuino	19 1/2	19 1/2	19 1/2	19 1/2
Robusta, lavado	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Robusta, natural	10 1/2	10 1/2	10 1/2	10 1/2
ABISSÍNIA:				
Long Berry Harar	17.00	17.00	17.00	17.00
MOKA:				
Natural	18 1/2	18 1/2	18 1/2	18 1/2
ÁFRICA PORTUGUESA:				
Amboin	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Encoje	11.00	11.00	11.00	11.00
CONGO BELGA:				
Lavado Robusta	12 1/2	12 1/2	12 1/2	12 1/2
Natural Robusta	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
HONDURAS:				
Bom Lavado	15.00	15.00	15.00	15.00
JAMAICA:				
Lavado	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Natural	11 1/2	11 1/2	11 1/2	11 1/2

CÂMBIO Mercado Livre - Curso Of

Fevereiro

(EM CRU

PAISES	MOEDAS	1	2	3	4	5	6
		Cr.$					
Londres	Libra	79,58 9/16	79,65 11/16	79,58 9/16	79,20 3/16	79,58 9/16	79,00 9/16
Nova York	Dolar	19,62 13/16	19,63 11/16	19,63 3/8	19,63 3/16	19,63 9/16	19,62 13/16
Buenos Aires	Peso	4,63 3/16	—	4,65	4,63 13/16	4,65	4,62 5/8
Chile	Peso	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	—
Holanda	Florin	—	—	—	—	—	—
Montevidéu	Peso	10,50	—	—	10,30	—	—
Portugal	Escudo	0,80 1/2	0,80 3/16	0,80 3/16	0,80 5/16	0,80	0,80
Suiça	Franco	4,65	—	4,65	—	—	4,70

PAISES	MOEDAS	16	17	18	19	20	21
		Cr.$					
Londres	Libra	79,58 9/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,57 5/8	79,58 9/16	—
Nova York	Dolar	19,63 7/16	19,63 1/2	19,62 7/8	19,63 5/8	19,64 5/8	—
Buenos Aires	Peso	4,67 5/8	4,65	—	—	4,68	—
Chile	Peso	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	—	—
Espanha	Peseta	—	—	—	—	—	—
Holanda	Florin	—	—	—	—	—	—
Montevidéu	Peso	—	10,50	—	10,45	—	—
Portugal	Escudo	0,80 3/16	0,80 7/16	0,80	0,80 5/16	0,80 9/16	—
Suiça	Franco	—	—	—	—	—	—

CÂMBIO Mercado Espécie - Curso Oficial - Bolsa (

(EM CRU

PAISES	MOEDAS	1	2	3	4
		Cr.$			
Londres	Libra	66,49 1/2	66,49 1/2	66,32	—
Nova York	Dolar	16,50	16,50	—	16,50

PAISES	MOEDAS	15	16	18	1
		Cr.$			
Londres	Libra	—	66,49 1/2	66,49 1/2	—
Nova York	Dolar	16,50	—	16,50	16,50

ial (Bolsa Oficial de Valores de S. Paulo)
de 1943

EIROS)

7	8	9	10	11	12	13	14	15
—	79,58 9/16	79,45 3/4	79,65 11/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,57 1/2	—	79,58 9/16
—	19,64	19,63 1/8	19,63 15/16	19,64 1/16	19,63	19,63 1/2	—	19,63 5/8
—	—	4,63 15/16	4,64 3/8	4,69 5/8	4,63 3/8	4,70	—	—
—	—	0,59 9/10	0,63 3/8	0,63 3/8	—	0,63 3/8	—	—
—	—	10,42	—	—	—	—	—	—
—	—	—	10,50	—	—	10,50	—	—
—	0,80	0,80	0,80	0,80 3/8	0,80 1/2	0,80 3/16	—	0,80
—	—	4,61	—	—	—	—	—	—

22	23	24	25	26	27	28	MÉDIA
9,58 9/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,41	—	79,53 13/16
9,63 3/16	19,63 5/8	19,63 15/16	19,63 1/4	19,63 7/16	19,62 15/16	—	19,63 1/2
—	4,66 1/8	4,64 5/8	4,64 7/16	—	4,70	—	4,65 11/16
—	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	—	0,63 3/16
—	—	—	—	1,83	—	—	1,83
—	—	—	—	—	—	—	10,42
—	—	—	—	—	—	—	10,45 7/8
0,80	0,80 1/16	0,80	0,80	0,80	0,80	—	0,80 3/16
—	—	—	—	—	—	—	4,65 3/4

icial de Valores de S. Paulo — Mês de Fevereiro de 1943

EIROS)

5	6	10	11	12	13
66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2
—	—	16,50	16,50	—	16,50

22	23	24	26	27	MÉDIA
66,49 1/2	66,55 13/16	66,44 13/16	66,49 1/2	66,49 1/2	66,48 9/16
—	—	—	—	16,50	16,50

Cotações do Disponivel

FEVEREIRO DE 1943

DIAS	RIO	VITÓRIA	VENDAS		NOVA YORK Em cents. por libra (453,6 grs.)			
	EM CRUZEIROS				SANTOS		RIO	
	TIPO 7	TIPO 7	SANTOS	RIO	TIPO 4	TIPO 7	TIPO 6	TIPO 7
1	26,60	25,40	3.335	998	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
2	26,60	25,40	8.456	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
3	26,60	24,90	9.158	1.205	13.37,5	12.62,5	9,50	9.37,5
4	26,60	24,90	8.562	272	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
5	26,80	24,90	4.831	3.283	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
6	26,80	24,90	1.999	354	—	—	—	—
7	—	—	—	—	—	—	—	—
8	26,80	24,90	20.696	300	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5.
9	27,00	24,90	27.037	650	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
10	27,00	24,90	25.448	774	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
11	27,00	24.90	23.842	623	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
12	27,00	24,90	17.157	500	—	—	—	—
13	27,00	24,90	5.966	424	—	—	—	—
14	—	—	—	—	—	—	—	—
15	27,00	24,90	24.669	335	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
16	27,00	24,90	22.463	500	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
17	27,00	24,40	11.716	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
18	27,00	24,40	13.473	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
19	27,00	24,40	17.913	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
20	27,00	24,40	2.622	—	—	—	—	—
21	—	—	—	—	—	—	—	—
22	26,70	23,90	6.882	692	—	—	—	—
23	26,70	23,90	10.135	1.172	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
24	26,50	23,90	9.808	486	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
25	26,50	23,90	13.284	850	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
26	26,20	23,90	13.742	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
27	26,20	23,90	13.576	460	—	—	—	—
28	—	—	—	—	—	—	—	—
Média	26,77	24,60	316.770	13.878	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5

NOTA : — SANTOS — Cotação nominal
„ — Associação Comercial
RIO — Centro do Com.° de Café
VITÓRIA — Panameuro.

Exportação do Café de Costa Rica

SACAS DE 60 QUILOS

Safra de 1941/42

(1.º DE OUTUBRO DE 1941 a 30 DE SETEMBRO DE 1942)

Estados Unidos	237.771
Canadá	80.282
Suiça	15.820
Panamá	6.825
Argentina	2.662
Chile	373
Filipinas	350
Austrália	276
Uruguai	117
Inglaterra	46
Islândia	19
Perú	1
Total	344.542

SETEMBRO 1942

Estados Unidos	42.834
Canadá	2.256
Perú	1
Total	45.091

OUTUBRO DE 1942

Estados Unidos	9.680
Canadá	3.954
Panamá	2.333
Inglaterra	14
Total	15.981

Dados da "Revista del Instituto de Defensa del Café de Costa Rica"

Cotações do Termo em Nova-York

CENTS. POR LIBRA (453,6 GRS.) CONTRATO SANTOS

Mês de Fevereiro de 1943

DIAS	FECHAMENTO DO TERMO PARA OS MESES DE:					VENDAS (Sacas)
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	
1 a 28	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—

Cents. por Libra (453,6 grs.) — Novo contrato "A Rio" — Fevereiro de 1943

DIAS	FECHAMENTO DO TERMO PARA OS MESES DE:					VENDAS (Sacas)
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	
1 a 28	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—

Exportação de Café do Salvador

Sacas de 60 quilos

SAFRA 1942/1943

MESES	ACAJUTLA	LA LIBERTAD	CUTUCO	PUERTO BARRIOS	VIA ACAJUTLA E MÉXICO	TOTAL
Novembro de 1942	—	—	—	—	—	—
Dezembro de 1942	—	1.047	10.925	5.049	1.150	18.171
Total	—	1.047	10.925	5.049	1.150	18.171
Mesmo per. safra 1941/42	43.953	1.150	7.104	23.636	—	75.843

Dados da: "El Café de El Salvador"

Exportação de Café da Venezuela

Sacas de 60 quilos

JANEIRO A OUTUBRO DE 1942

Estados Unidos	550.443
Suiça	10.128
Curaçao	2.068
Chile	4.224
Argentina	8.952
Canadá	2.000
Total	**577.815**

NOVEMBRO DE 1942

Estados Unidos	40.765
Curaçao	60
Total	**40.825**

DEZEMBRO DE 1942

Estados Unidos	18.255
Curaçao	967
Total	**19.222**

ANO DE 1942

Estados Unidos	568.421
Curaçao	2.725
Suiça	10.128
Chile	4.224
Argentina	8.952
Canadá	2.000
Total	**596.450**

Cifras de "El Informador Cafetero de Caracas"

DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DO COMÉRCIO E CONSUMO
DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ DO ESTADO
DE SÃO PAULO

BOLETIM

DO MÊS DE FEVEREIRO DE 1943

ESTABELECIMENTOS VISITADOS

NA CAPITAL	VISITAS	NO INTERIOR E LITORAL	VISITAS
Torrefações	1.600	Torrefações	610
Moinhos	606	Moinhos	355
Empórios	827	Empórios	1.072
Depósitos	4	Depósitos	—
Feiras	23		
TOTAL:	3.060	TOTAL:	2.037

CAFÉS VERIFICADOS NOS POSTOS DE FISCALIZAÇÃO	SACAS
Nas Cias. de Armazens Gerais	48.898
Nos Armazens de E. F. (Capital)	22.011
TOTAL:	70.909

CAFÉ CRÚ APREENDIDO	SACAS
Em Torrefações, Moinhos e Depósitos — Na Capital	—
Idem — No interior e Litoral	—
Em Armazens de E. F. (Capital)	3
Em Cias. de Armazens Gerais	44
TOTAL:	47

CAFÉ TORRADO EM GRÃO APREENDIDO	QUILOS
Na Capital	89,8
No Interior e litoral	—
TOTAL:	89,8

CAFÉ MOIDO APREENDIDO	QUILOS
Na Capital	150,7
No Interior e litoral	0,5
TOTAL:	151,2

CAFÉS LIBERADOS	SACAS
Melhorados por rebenef. ou catação	264
Dec. Lei - 51	250
TOTAL:	514

CAFÉ TORRADO DESPACHADO POR TORREFAÇÕES SOB FISCALIZAÇÃO ESPECIAL	QUILOS
Do interior para a Capital	11.280
Da Capital para o Interior	12.155
Entre diversas comarcas no Interior	13.420
TOTAL:	36.865

CAFÉ MOIDO, IDEM	QUILOS
Do Interior para a Capital	134,0
Da Capital para o Interior	4.917,5
Entre diversas comarcas no Interior	34.142,0
TOTAL:	39.193,5

CAFÉ CRÚ INCINERADO	SACAS
Na Capital	—
No Interior e litoral	—
TOTAL:	—

CAFÉ TORRADO EM GRÃO INCINERADO	QUILOS
Na Capital	—
No Interior e litoral	—
TOTAL:	—

CAFÉ MOIDO INCINERADO	QUILOS
Na Capital	—
No Interior e litoral	7,48
TOTAL:	7,48

RESÍDUOS DE CATAÇÃO OU REBENEF. INCINERADOS

Scs. .... 2 | Quilos 84,0

Diversos

Boletim da Câmara de Reajustamento Econômico

SESSÃO DE 8 DE JANEIRO DE 1943
(Diário Oficial de 9-1-43)

PROCESSO N.º 427.
Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — Sakata Fukunaga — Pompéia — Est. de São Paulo.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 775.
Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Manoel Antônio Rodrigues — Garça — Estado de São Paulo.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 1.449.
Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Manoel Pereira dos Santos — Rio Preto — Estado de S. Paulo.
Decisão Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.463.
Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedores — João Gabriel & Irmão — Rio Preto — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.473.
Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Benedito Gonçalves de Oliveira — Cerqueira Cesar — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

SESSÃO DE 13 DE JANEIRO DE 1943

PROCESSO N.º 459.
Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Nemézio Bailão — São Paulo — Capital.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 1.472.
Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Júlio de Paula Coelho — Franca — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada à desiscia.

PROCESSO N.º 1.474.
Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Argemiro Ribeiro da Costa — Lins — Est.ª de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

DECRETO-LEI N.º 24.233 de 12-5-34

PROCESSO N.º 15.636/b Recurso n.º 1.031 — Revisão.
Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Credor — Aquilino Manzano.
Devedor — Ramon Sanches & Cia., e outros — São Paulo — Capital.
Decisão — Concedida a indenização ao credor de Cr. $ . . . . 142.000,000, em apólices da Dívida Pública Federal ao par, ficando a cargo dos devedores 50% do débito, alem da fração irreajustavel de Cr $ 336,25.

SESSÃO DE 17 DE FEVEREIRO DE 1943
(Diário Oficial de 17-2-43)

PROCESSO N.º 1.464.
Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Joaquim de Barros Alcântara — São Paulo — Capital.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 1.508.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Luiz Campos Aranha — Garça — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.511.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Clementino da Costa Florim Filho — Brotas — Est. de São Paulo.
Deicisão — Homologada a desistência.

SESSÃO DE 24 DE FEVEREIRO DE 1943

(Diário Oficial de 25-12-43)

PROCESSO N.º 583.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — Antônio Patriani — Novo Horizonte — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 601.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — José Vieira Souto — Novo Horizonte — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.476.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — João Uzum-Monte Mór — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.482.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedores — Maria Paula Junqueira Uchôa e outros — Ribeirão Preto — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

DESPACHOS DOS SRS. JUIZES NOS PROCESSOS NRS.

N.º 1.475 — José Salibe — Limeira — Est. de São Paulo — Publiquem-se os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 821 — José Marciliano da Costa — Limeira — Est. de São Paulo — Consulte-se o Banco do Brasil se concorda em elevar o empréstimo na base da segunda avaliação.

N.º 1.486 — João da Costa Sampaio — Jaú — Est. de São Paulo — Peça-se ao Banco do Brasil as avaliações discriminadadas dos imoveis.

N.º 308 — Domingos Teixeira de Campos — Tietê — Est. de São Paulo — Improcedente a impugnação, por ser apresentada seródiamente, vão os autos ao Banco do Brasil, para ser lavrada a escritura.

N.º 940 — José Francisco Simões dos Santos — Caçapava — Est. de São Paulo — Consulte-se o Banco do Brasil, afim de que informe sobre a elevação do quantum do empréstimo, nos termos do art. 54 do Regimento.

N.º 1.219 — Gabriel Meireles de Sousa Pinto — Brodowski — Estado de São Paulo — Peça-se ao credor Waldemar dos Reis Meireles, a escritura de hipoteca, bem como certidão do estado de vigência do onus em 15-12-39.

N.º 1.510 — José Inácio Villas Bôas — Botucatú — Est. de São Paulo — Instaure-se o concurso, publicados os editais com o prazo de 40 dias.

N. 1.536 — Mario de Azevedo Souza — São Simão — Est. de São Paulo — Publiquem-se os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 491 — Joaquim Bento Gandra e outro — Ituverava — Est. de São Paulo — Deferido — Concedido o reajustamento, pago o crédito hipotecário a favor de José Mendes na importância de Cr$ 56.696,94, considerados libeberados, independentemente de dividendos, os demais créditos declarados bem como quaisquer outros não declarados, desde que anteriores a 15-12-39. Decorrido o prazo de 60 dias, vão os autos ao Banco do Brasil para ser lavrada a escritura, sendo que as custas que porventura houver serão deduzidas do montante do empréstimo.

N.º 1.286 — José Libardi — Capivarí — Est. de São Paulo — Depregue-se ao Juiz de Direito, segunda avaliação da garantia.

N.º 1.298 — Arthur Viana Barbõsa — São Simão — Est. de S. Paulo — Depreque-se ao Juiz de Direito, segunda avaliação, correndo as custas por centa do credor impugnante, pedindo-se ao mesmo a escritura de hipoteca.

N.º 101 — Floriano Ramos — Cravinhos — Est. de São Paulo — Baixem-se os autos em deligência afim de que sejam juntadas as escrituras de compromisso de compra e venda do imovel "Fazenda Sta. Luzia", e a hipoteca ambas lavradas entre Floriano Ramos e o Banco do Estado de São Paulo.

N.º 1.206 — João Evangelista Ferraz — Limeira — Est. de São Paulo — Concedido o reajustamento, pago pelo Banco do Brasil com o produto do empréstimo o crédito hipotecário de Gustavo R. Doria, liberado o requerente de todos os créditos quirografários e pegnoraticio habilitados, e, bem assim dos demais não habilitados ou declarados. Aguardem os autos na Secretaria o prazo de 60 dias, para os fins do At. 62.

N. 1.487 — José Pires de Campos Jaú — Est. de São Paulo — Peça-se ao Banco do Brasil a avaliação do imovel, e ao devedor certidão da cláusula testamentária.

N.º 1.501 — José Miranda da Silva — Itapira — Est. de São Paulo — Publiquem-se os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 1.514 — João Ribeiro de Toledo — Jaú — Est. de São Paulo — — Publiquem-se os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 350 — Frederico Bergmann — Campinas — Est. de São Paulo — Esclareça-se ao interessado sobre as consequências da cessão.

N.º 313 — Recurso n.º 43 — José Jacinto de Sousa — Ribeirão Preto — Estado de São Paulo — Indeferido o recurso de André Maschietot e provido o de D. Guida Leite Guimarães para o fim de considerar Eugenio Saciloto também como quirografo obrigado à quitação seu crédito sem percepção de qualquer pagamento, e, consequentemente, D. Guida Leite Guimarães isenta do prévio depósito de Cr$ 4.122,00, ficando no mais ratificada a decisão anterior.

N.º 1.347 — Vicente Bordieri Ê Irmãos — Capivarí — Estado de São Paulo — Prove que a sociedade é irregular com a certidão negativa do contrato social.

N.º 1.004 — Manoel da Silva Carvalho — Pindamonhangaba — Estado de São Paulo — Consultem-se os credores impugnantes — Guilherme Schmit e Antônio Granato, sobre se estão dispostos a regularizar o empréstimo na base fixada, de Cr$ 250.000,00, para um empréstimo de 75% sobre esse valor. Caso não estejam, o empréstimo será feito na base de Cr$ 150.000,00, valor atribuido pelas avaliações.

N.º 849 — Maria de Paivá Arantes — Ribeirão Preto — Est. de S. Paulo Consultem-se os credores hipotecários se concordam em efetuar o empréstimo na base de 75% de Cr$ 316.630,00.

N.º 989 — José Arantes Nogueira — Cravinhos — Est. de São Paulo — Notifiquem-se os credores nos termos do Art. 54 § 1.º do Regimento.

N.º 1.471 — José Antônio da Silva — Monte Alto — Est. de São Paulo — Publiquem-se os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 1.083 — Gabriel Pinto Meireles — Cruzeiro — Est. de São Paulo — Consulte-se o Banco do Brasil se está disposto a fazer o empréstimo na base da nova estimativa, em caso negativo escreva-se aos credores impugnantes se concordam efetuar eles, a operação, isoladamente ou em conjunto, mas nas mesmas condições já constantes da proposta do Banco do Brasil, se ainda estes não concordarem em efetuar a transação, naquela base, prevalecerá então a quantia anteriormente oferecida pelo Banco, efetuando-se com este o mutuo hipotecário, de acordo com a sua proposta.

N.º 1.231 — Damião Covali — Monte Mór — Estado de São Paulo — Baixem-se os autos em diligência afim de que se efetue a avaliação requerida pelo credor.

N.º 1.448 — Eduardo Rocha (Espólio) — Franca — Estado de São Paulo — Peça-se ao Banco do Brasil que esclareça os valores de cada um dos imóveis incluidos na garantia, pois sobre eles pesam diferentes "onus".

N.º 1.523 — José Figueiredo Junior — Marilia — Est. de São Paulo. — Publiquem-se os editais de concurso com o praso de 40 dias.

N.º 1.420 — Luiz Oscar de Almeida Maia — Capital — Estado de São Paulo — Notifique-se o requerente sobre a necessidade de incluir na transação todos os seus bens imoveis, ao tempo em que solicitará do Banco informe sobre a inclusão dos ditos imoveis na garantia e a consequente majoração do empréstimo.

Foram devolvidos ao Ministério da Fazenda, com informações da Câmara de Reajustamento Econômico, os seguintes requerimentos dirigidos ao Senhor Presidente da República:

OF. 10/8 — 14/1/43 — de D. Odete Carr de Assunção — Cafelandia — Est. de São Paulo — pedindo revisão do processo n. 1.174/C.

OF. 10/25-22/2/43 — de Joaquim S. Nogueira Cobra — Chavantes — Estado de São Paulo — pedindo informações sobre sua proposta de empréstimo.

OF. 10/26 — 22/2/43 — de D. Letícia Corrêa da Silva — Araraquara — Estado de São Paulo — pedindo informações sobre sua proposta de empréstimo.

AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL EM PIRACICABA — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.475 — José Salibe — agricultor em Limeira — Estado de São Paulo.

AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL EM JAÚ — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.514 — João Ribeiro de Toledo — agricultor em Jaú — Estado de São Paulo.

AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL EM SÃO PAULO — Capital.

PROCESSO N.º 1.523 — José Figueredo Junior — agricoltor em Marilia — Estado de São Paule.

AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL EM BEBEDOURO — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.457 — José Henrique de Carvalho Filho — agricultor em Monte Azul. — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.471 — José Antônio da Silva — agricultor em Monte Alto — Estado de São Paulo.

DESPACHOS

SEGUNDA AVALIAÇÃO — O valôr nela atribuido, nos casos em que o credor impugnante se propõe a realizar o empréstimo, pode ser alterado, dentro do critério legal.

No processo n. 1.004 o Juiz Dr. Reginaldo Nunes lançou o seguinte despacho aprovado unanimente:

Na divergência estabelecida neste autos, quanto ao exato valôr do imóvel que deve servir de garantia ao empréstimo hipotecário, necessário se torna que fixemos primeiro o direito aplicável, em seguida o fato, de que há de decorrer, afinal, a conclusão:

O DIREITO

No exame pericial a regra que prevalece no que tocava ao valôr do laudo é a de que:

> O juiz não ficará adstrito ao seu valôr e poderá determinar nova perícia (art. 258 do Cod. de Proc. Civil).

Mas, adverte Mattirolo:

> Abbia o non abbia il giudice del merito ordinato una seconda od anche una terza perizia.... **l'aviso dei periti non vincola l'autoritá giudiziaria, la quale deve pronunziare secondo la propria convizione" (Trattato, 2/n. 1.110).**

No direito comum estas regras prevalecem, contudo, apenas para os exames periciais propriamente ditos, — que são elementos de prova, — não para as avaliações. As avaliações — ato preparatório da venda judicial, ou de hasta pública — **desde que validamente feitas** não necessitam de ser retificadas pelo prudente arbítrio do juiz processante, porque elas encontrarão o seu corretivo natural e legítimo na praça que se há de seguir. Por isso a **avaliação** ocupa no Código do Processo um capítulo diverso dos **exames periciais**, figurando aquela sob o título da execução e esta sob o título das **provas.**

Apreciando as provas o juiz as estima segundo o seu juizo, para **fixar o direito da parte.** Na avaliação não há juizo a ser emitido; não ha direito a ser fixado; há, apenas, a apreciação se ela foi ou não validamente feita (art. 960 do Cod. de Proc.). A alegação de ter sido alta ou baixa caberá aos licitantes, na hasta pública, o dizer e corrigir.

Isto, quanto ao direito comum.

Já o mesmo não se dá na legislação especial do reajustamento econômico. Aquí não há licitantes que venham emendar os erros possiveis da avaliação. Os imóveis, aquí, não se destinam a ser vendidos, mas a ser hipotecados. O laudo assume, portanto, uma função **probatória** elementar. Dele depende o **direito** pleiteado, isto é, o estar ou não o devedor incluido entre os titulares do benefício que reclama. Dele depende, ainda, o maior ou menor rateio, que aos credores possa tocar. Assumindo a avaliação, aquí, o carater de verdadeira pericia, de elemento **probatório** do direito invocado, da situação econômica que lh'o outorga, nada mais natural que assimilar-se o laudo destas avaliações aos dos exames periciais em geral, para atribuir-se ao juizo processante a faculdade que nestes casos ele tem, de intervir com o seu prudente arbitrio na fixação do montante da avaliação contestada, desde que esta seja a última e de que razões existam, que legitimem a contestação.

Daí o dispor o art. 55 do Regimento da Câmara (Decreto-Lei n. 2.238):

> Todavia, si o credor impugnante entender que o imóvel é de valôr superior ao que foi atribuido pela segunda avaliação, poderá pleitear a posição de mutuante, oferecendo o empréstimo na base da sua estimativa.
>
> § 1.º) — Nessa hipótese, deverá apresentar á Câmara requerimento devidamente fundamentado, instruido com prova documental que justifique essa atitude.
>
> § 2.º) — Quando isso acontecer, a Câmara, interpondo o seu prudente arbítrio, ou decidirá o incidente desde logo, si se considerar suficientemente elucidada; ou, em cada caso concreto determinará a diligência que lugar útil e que as circunstâncias reclamarem.

§ 3.º) — Se o pedido for julgado procedente lavrar-se-á com o impugnante o mútuo hipotecário, com observância do que ficou estabelecido nos §§ 1.º e 4.º do artigo anterior.

O FATO

É exatamente a hipotese dos autos.

O devedor Manuel da Silva Carvalho requereu ao Banco do Brasil um empréstimo em letras hipotecárias. Este empréstimo malogrou-se no ajuste voluntário. Os credores Guilherme Schmidt e Antônio Granato não se conformaram com a avaliação feita pelo Banco e que devia servir de base ao empréstimo. Essa avaliação foi de Cr$ 150.000,00.

Malogrado o ajuste voluntário, o devedor interpôs, em tempo hábil, o seu pedido para a aplicação do reajuste compulsório, da competência desta Câmara.

O concurso instaurou-se pela publicação dos editais. E, dentro do prazo legal para impugnações, os citados credores, que já haviam se insurgido contra a primeira avaliação feita pelo Banco, renovaram perante a Câmara o seu desacôrdo com ela, pleiteando segunda.

De acôrdo com a lei, essa segunda avaliação foi feita; e desta vez, por funcionário da própria Câmara que concordou com a estimativa do Banco do Brasil, fixando o valôr do imóvel "Fazenda São José do Tanque", nos mesmos Cr$ 150.000,00, em que ele a estimara. Mas, esclarecendo o seu ponto de vista, diz que a citada fazenda poderá alcançar para o efeito de venda um valôr superior a Cr$ 200.000,00, **que o comprador disponha de recursos para sua reparação afim de possibilitar futuramente maior renda.** Em face, porém, da finalidade do empréstimo pleiteado — continua o perito — o valôr venal não pode prevalecer, de **vez que o pagamento das prestações anuais do empréstimo dependerá da renda do imóvel.**

Apresentado este laudo os credores impugnantes pediram, a fls. 136, que o perito dissesse **sobre o valor venal total dos bens,** desde que o empréstimo — comentam eles — deve ter por base a estimativa do imóvel, não apenas avaliado segundo o critério da capacidade atual de exploração e rendimento, mas, também, segundo o critério do valôr venal. Essa petição foi deferida pelo despacho de fls. 137 v., falando o perito a fls. 139-141.

Nos esclarecimentos então prestados reafirmou o perito a superioridade do valôr venal do imóvel ao do valôr econômico atual, e depois de arrolar as várias parcelas constitutivas do bem avaliando, dá como cifra expressiva desse valôr a de Cr$ 287.100,00.

CONCLUSÃO

Várias considerações nos levam a concluir que o valôr do imóvel "Fazenda S. José do Tanque", dentro do crédito legal, pode e deve ser alterado:

1.º) — Esse imóvel no reajustamento passado, feito sob o Decreto n. 24.233, foi avaliado em Cr$ 283.700,00. Essa avaliação foi realizada em 1937 (Processo n.º 18.983-B).

2.º) — Na ação executiva intentada pelos credores impugnantes, em 1932, o referido imóvel foi judicialmente avaliado em Cr$ 218.480,00, segundo consta de fls. 23 destes autos.

Aproximemos desses valores, encontrados para o imóvel nos anos de 1932 e 1937, os elementos informativos que constam do processo e vejamos se essas avaliações são corroboradas ou repelidas por esses novos elementos.

Os credores impugnantes dizem que o valôr do imóvel em apreço é de Cr$ 300.000,00 e declararam que sob essa base estão dispostos a efetuar o empréstimo (fls. 45 e 90). Por sua vez, o perito desta Câmara, nos esclarecimentos que prestou sobre o seu laudo, estabelece como valôr venal do imóvel o de Cr$ 283.100,00. De modo que da série de valores já dados ao imóvel em apreço, antes e agora, podemos destacar estas cifras:

	Cr$
Avaliação judicial em ...	218.480,00
Avaliação para reajustamento em	283.700,00
Avaliação (valôr venal) em	287.100,00
Estimativa dos credores em	300.000,00

Se considerarmos todos esses valores como venais, teremos que tais valores ao invés de diminuirem, cresceram. O valôr de exploração e rendimento não poderia ter tido uma marcha em sentido oposto. Dess'arte, tentemos fixar esse valôr pelos elementos do processo.

No laudo de fls. 125-127 o perito desta Câmara fixou em Cr$ 25.232,40 a renda anual do imóvel "S. José do Tanque". Tomando-se o valôr de Cr$ 150.000,00, dado pelo Banco do Brasil, para base do empréstimo, a amortização correspondente ao primeiro ano (que é a maior) seria de:

	Cr$
Prestação do débito ...	5.625,00
Juros ...	9.562,50
Comissão ...	562,50
Soma ...	15.750,00

Ora, se o rendimento do imóvel fixado pelo perito, como se viu acima é de Cr$ 25.232,40, e se a prestação maior que o devedor terá que exibir é de Cr$ 15.750,00, bem se vê que lhe ficará um saldo de Cr$ 9.482,40. Ora, esse saldo deve ser aproveitado em benefício dos credores. E a questão se resolve em saber qual é o valôr que, atribuido ao imóvel, absorverá êsse saldo.

Se atribuirmos ao imóvel "São José do Tanque" o valôr básico de Cr$ 250.000,00, a amortização do primeiro ano do empréstimo será de:

	Cr$
Prestação do débito ...	9.375,00
Juros ...	15.937,00
Comissão ...	937,50
Soma ...	26.250,00

Assim, o empréstimo feito na base de Cr$ 250.000,00 é o que mais harmoniza a sua situação econômica com a capacidade atual de exploração e rendimento do imóvel.

Acrescente-se a isso a consideração feita pelo perito de que o imóvel "São José do Tanque" tem capacidades latentes para uma renda muito maior, dependendo das possibilidades econômicas do devedor. Ora, o reajustamento vem exatamente trazer ao devedor essas possibilidades. Nada de extraordinário em supor-se que ele próprio realize esse vaticínio do perito, uma vez saneada a sua situação econômica. Para isso é que a lei vem em seu auxílio.

Estando, pois, a cifra de Cr$ 250.000,00, não só dentro das possibilidades de resgate do imóvel, como em harmonia com as avaliações anteriormente feitas desse mesmo imóvel, fixo essa cifra para base do empréstimo.

Tratando-se da modalidade especial, prevista no art. 55 do Regimento da Câmara (Decreto-Lei n. 2.238), em que não prevalece nem a primeira, nem a segunda avaliação, — dispensada fica a consulta ao Banco do Brasil, a que se refere o art. 54 do referido Regimento.

Consultem-se os credores impugnantes — Guilherme Schmidt e Antônio Granato, sobre se estão dispostos a realizar o empréstimo na base fixada, de Cr$ 250.000,00, para um empréstimo de 75% sobre esse valôr. Caso não estejam, o empréstimo será feito na base de Cr$ 150.000,00, valôr atribuido pelas avaliações.

Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1943.

Reginaldo Nunes

Índice da Matéria

COLABORAÇÃO:

RESUMO E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

DIVERSOS:

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

SÉDE:
LARGO DA MISERICÓRDIA, 24
SÃO PAULO

•

TELEFONES:

Diretoria	2-6659
Dep. Contabilidade	2-4449
Dep. Estatística	2-8357
Dep. Transportes	2-1976
Dep. Fisc. Comércio e Consumo	2-0856
Seção Almoxarifado	2-4369
Seção Conserva de Imóveis	2-1127
Seção Protocolo	2-2767
Seção Juridica	3-5511
Engenheiro	3-5511
Depósito (Almox. externo) ..	2-2672

Agência de Santos:

Palácio da Bolsa - Rua 15 de Novembro, 123 - 2.º - sl. 7

Telefone : 6675

Agência do Rio de Janeiro:

Edificio da "A Noite" - Praça Mauá, 7

Telefone : 23-0877

Imp. na Indústria Gráfica SIQUEIRA — *Rua Augusta, 235 — São Paulo.*

CAFÉ
SANTOS